ANNO XII
NUM. 580
25
JANEIRO
1930
PREÇO - 1$
PARA TODOS...

As fadigas dos

trabalhos domesticos causam, muitas vezes, dores de cabeça, das costas e abatimento geral.

Cafiaspirina

depressa annulla as consequencias do "surmenage", e restitue ao organismo o seu estado de saude normal.

Mesmo o organismo mais delicado pode tomar esse excellente preparado BAYER por ser elle absolutamente inoffensivo.

A CAFIASPIRINA *é recommendada contra dores de cabeça, dentes, ouvidos, dores nevralgicas e rheumaticas, resfriados, consequencias de noites passadas em claro, excessos alcoolicos, etc.*

BAYER

EDIÇÕES
PIMENTA DE MELLO & C.
TRAVESSA DO OUVIDOR (RUA SACHET), 34

Proximo á Rua do Ouvidor — RIO DE JANEIRO

BIBLIOTHECA SCIENTIFICA BRASILEIRA

(dirigida pelo prof. Dr. Pontes de Miranda)

INTRODUCÇÃO A SOCIOLOGIA GERAL 1º premio da Academia Brasileira, pelo prof. Dr. Pontes de Miranda, **broch 16$**, enc. .... 20$000

TRATADO DE ANATOMIA PATHOLOGICA, pelo prof. Dr. Raul Leitão da Cunha, Cathedratico de Anatomia Pathologica na Universidade do Rio de Janeiro, broch. 35$, enc. .... 40$000

TRATADO DE OPHTALMOLOGIA, pelo prof. Dr. Abreu Fialho, Cathedratico de Clinica Ophthalmologica na Universidade do Rio de Janeiro, 1º e 2º tomo do 1º vol., broch. 25$ cada tomo, enc., cada tomo .... 30$000

THERAPEUTICA CLINICA ou MANUAL DE MEDICINA PRATICA, pelo prof. Dr. Vieira Romeira, 1º e 2º volumes, 1º vol. broch. 30$000, enc. 35$, 2º vol. broch. 25$, enc .... 30$000

CURSO DE SIDERURGIA, pelo prof. Dr. Ferdinando Labouriau, broch. 20$, enc. .... 25$000

FONTES E EVOLUÇÃO DO DIREITO CIVIL BRASILEIRO, pelo prof. Dr. Pontes de Miranda (é este o livro em que o autor tratou dos erros e lacunas do Codigo Civil), broch. 25$000, enc. .... 30$000

IDÉAS FUNDAMENTAES DA MATHEMATICA, pelo prof. Dr. Amoroso Costa, broch. 16$000, enc. .... 20$000

TRATADO DE CHIMICA ORGANICA, pelo prof. Dr. Otto Roth, broch .... enc.

MANUAL PRATICO DE PHYSIOLOGIA, prof. Dr. F. Moura Campos, broch. 20$, enc. 25$000

LITERATURA:

O SABIO E O ARTISTA, de Pontes de Miranda, edição de luxo .... 16$000

O ANEL DAS MARAVILHAS, texto e figuras de João do Norte .... 2$000

CASTELLOS NA AREIA, versos de Olegario Mariano .... 5$000

COCAINA..., novella de Alvaro Moreyra .... 4$000

PERFUME, versos de Onestaldo de Penafort .... 5$000

BOTÕES DOURADOS, chronicas sobre a vida intima da Marinha Brasileira de Gastão Penalva .... 5$000

LEVIANA, novella do escriptor portuguez Antonio Ferro .... 5$000

ALMA BARBARA, contos gaúchos de Alcides Maya .... 5$000

OS MIL E UM DIAS, Miss Caprice, 1 vol. broch. .... 7$000

A BONECA VESTIDA DE ARLEQUIM, Alvaro Moreyra, 1 vol. broch .... 5$000

ALMAS QUE SOFFREM, Elisabeth Bastos, 1 vol. broch .... 6$000

TODA A AMERICA, de Ronald de Carvalho .... 8$000

ESPERANÇA — epopéa brasileira de Lindolpho Xavier .... 8$000

DESDOBRAMENTO, de Maria Eugenia Celso, broch. .... 5$000

CONTOS DE MALBA TAHAN, adaptação da obra do famoso escriptor arabe Ali Malba Tahan, cart .... 4$000

HUMORISMOS INNOCENTES, de Areimor. 5$000

DIDATICAS:

FORMULARIO DE THERAPEUTICA INFANTIL, A. A. Santos Moreira, 4ª edição .... 20$000

CHOROGRAPHIA DO BRASIL, texto e mappas, para os cursos primarios, por Clodomiro R. Vasconcellos, cart .... 10$000

CARTILHA, Clodomiro R. Vasconcellos, 1 vol. cart. .... 1$500

CADERNO DE CONSTRUCÇÕES GEOMETRICAS, de Maria Lyra da Silva .... 2$500

QUESTÕES DE ARITHMETICA theorias e praticas, livro officialmente indicado no Collegio Pedro II, de Cecil Thiré .... 10$000

APONTAMENTOS DE CHIMICA GERAL — pelo Padre Leonel de Franca S. J. cart. .... 6$000

LIÇÕES CIVICAS, de Heitor Pereira (2ª edição) .... 5$000

ANTHOLOGIA DE AUTORES BRASILEIROS, Heitor Pereira, 1 vol. cart. .... 10$000

PROBLEMAS DE GEOMETRIA, de Ferreira de Abreu .... 3$000

VARIAS:

O ORÇAMENTO, por Agenor de Roure, 1 vol. broch. .... 18$000

OS FERIADOS BRASILEIROS, de Reis Carvalho, 1 vol. broch. .... 18$000

THEATRO DO TICO-TICO, repertorio de cançonetas, duettos, comedias, farças, poesias, dialogos, monologos, obra fartamente illustrada, de Eustorgio Wanderley, 1 vol. cart. .... 6$000

HERNIA EM MEDICINA LEGAL, por Leonidio Ribeiro (Dr.) 1 vol. broch. .... 5$000

PROBLEMAS DO DIREITO PENAL E DE PSYCHOLOGIA CRIMINAL, Evaristo de Moraes, 1 vol. enc. 20$, 1 vol. broch. .... 16$000

CRUZADA SANITARIA, discursos de Amaury Medeiros (Dr.) .... 5$000

UM ANNO DE CIRURGIA NO SERTÃO, de Roberto Freire (Dr.) .... 18$000

INDICE DOS IMPOSTOS EM 1926, de Vicente Piragibe .... 10$0

PROMPTUARIO DO IMPOSTO DE CONSUMO EM 1925, de Vicente Piragibe .... 6$000

SÃ MATERNIDADE, pelo prof. Dr. Arnaldo de Moraes .... 10$000

ALBUM INFANTIL — collectanea de monologos, poesias, lições de historia do Brasil em verso e de moral e civismo illustradas com photogravuras de creanças, original de Augusto Wanderley Filho, 1 vol. de 126 paginas cart. .... 6$000

•

COMO ESCOLHER UMA BÔA ESPOSA, de Renato Kehl (Dr.) .... 4$0

BIBLIA DA SAUDE, enc .... 16$000

MELHOREMOS E PROLONGUEMOS A VIDA, broch .... 6$000

EUGENIA E MEDICINA SOCIAL, broch .... 5$000

A FADA HYGIA, enc .... 4$000

COMO ESCOLHER UM BOM MARIDO, enc .... 5$000

FORMULARIO DA BELLEZA, enc .... 14$000

DAMA DAS CAMELIAS!...

A ninguem era dado saber, ali; naquella encosta de morro, porque a chamavam assim... Em redor de sua choupana havia, sim, lindas e frescas, na festa das mais verdes folhas, mancheias de rosas...

— Quer conhecel-a ?

E o reporter que sempre quer conhecer, quer vêr sempre:

— Sim, como não ?

Naquella encosta escalvada do morro, despovoada e em abandono, a vegetação agreste sorria ao beijo quente do sol. Já divisavamos, lá mais em cima, a descascar-se, aquella casinha miseravel que avultava no impressionante contraste da riqueza que a rodeava como se mãos mysteriosas lhe cingissem a cintura com um rosario de rosas, tantas, nas mais vivas côres, a rodeavam.

— E' ali ?

E o "cicerone" que nos arrastava os passos e á curiosidade:

— E'...

Na moldura da janella, uma mulata dengosa, a nota viva de uma fita encarnada no cabello, animou o extranho quadro que nos encheu de surpresa e só não nos encheu de espanto porque o "cicerone" foi dizendo:

— E' ella mesma...

E a mulata, a mão no ar: "Póde entrarem"...

E a figura que imaginarámos com um pouco dos encantos da personagem do celebre romance desappareceu da moldura da janella para surgir na da porta, o carmin empastellado no rosto e amontoado nos labios...

O horror da desillusão que aquella "dama das camelias" nos provocara, agora que invadiamos o interior do casebre, se attenuara pela doçura e pelo encanto do ambiente, porque o perfume do jardim se derramava ali dentro e porque ali dentro em meio á maior ordem havia o maior asseio.

— Que quer de mim ?

— Palavras...

E depois de nos ouvir attentamente, erguendo a cabeça, um mundo de orgulho e de vaidade nos olhos:

— "Isso de deitá intervista prá mim é soupa ! Eu já fui intervistada quando o João Tocano meteu o ferro no ebdóme do Thomé..."

— Por que a chamam todos..."

Para todos...

Revista semanal, propriedade da S. Anonyma "O Malho". Directores Alvaro Moreyra e J. Carlos. Director-gerente Antonio A. de Souza e Silva.

Assignaturas: Brasil - 1 anno, 48$000. 6 mezes, 25$000. Extrangeiro - 1 anno, 85$000. 6 mezes, 45$000. As assignaturas começam sempre no dia 1 do mez em que forem tomadas e serão acceitas annual ou semestralmente. "Para todos"... apparece aos sabbados e publica, todos os annos, pelo Natal, uma edição extraordinaria.

"Pra quê foi feita a bocca senão pra beijá"?!...

"Dama das Camelias"?
Ella riu. Baixou os olhos por um instante como a meditar e explicou:

— E' cousa desse povo.

E deixando as mãos cahir nas ancas ao mesmo tempo que seus olhos se illuminavam de um extranho fulgor:

— Eu devia sê dama das rosas", não acha?

— Sim, mas deve haver alguma explicação...

— E' que elles dizem que eu sou provocadora e tenho geito de prender...

— Ah!...

— Mas todos gostam de você...

— Qual o que, moço. Nem todos...

E invadida de importancia:

— "As muié toda me odeia...

E vencida uma pausa:

— ...os home sim que me qué!..."

E, enthusiasmada:

— Ellas diz que é por causa do cheiro das minha rosa..."

— Que tem havido por causa disso?

— "Encrenca sobre encrenca. As vez chego na porta e vejo dois home que nunca vi, se matando. Acaba a porfia e um vae prá "Insistencia" e outro prá delegacia!"

E cruzando os braços, a interrogação da phrase nos olhos tambem:

— "Pois não é que as "foia" vem dizê que aquelle crime foi por causa de mim?"

— Qual o facto que mais a emocionou até hoje?

— "Foi a Maria Queimada que tocou fogo no home della, só porque elle beijou uma frô do meu canteiro!..."

— Gosta de alguem?

Sacudindo a cabeça e revirando os olhos, respondeu:

— "Não, sim senhô..."

E, abrindo a alma numa confissão:

— "Se as vez eu digo que gosto de um é com pena pró vê elle triste por mim."

E a cabeça erguida:

— "Que me custa fingi que gosto? Um beijo mais, um beijo menos..."

Com muita vivacidade:

— "Cruz, prá que foi feita a bocca se não prá beijá?!..."

Sacudindo os hombros:

— "Não é isso que elles qué? Elles não se julgam feliz quando a gente engana elles?"

E ante o nosso sorriso:

— "Pois é por isso mesmo que não gostou de nenhum, dizendo que gosto de

Barros Vidal

Rica Capella inaugurada pelo senhor Arcebispo D. Alvaro Augusto na Fazenda Calionha, de propriedade do senhor Alberto Moraes M. Catharino, no Estado da Bahia.

EXTERNATO "ELVIRA BRANDÃO"

O antigo estabelecimento de ensino "Externato Elvira Brandão" que, graças á competencia do seu corpo docente soube se impôr entre os melhores de São Paulo, inaugurou no dia 16 de Janeiro o seu novo edificio á alameda Jahú, n. 69.

Construcção sobria e elegante, afóra 9 salas de aula, amplamente arejadas e batidas de sol, o Externato dispõe ainda de amplas accommodações para a directoria, sala de espera, toilettes e archivo.

O plano da construcção obedeceu ao que, no genero, ha de mais moderno na Allemanha e Estados Unidos, sendo varias peças do predio distribuidas por tres pavimentos, de quatro metros de altura cada um, ligados entre si por escadas de suave declive. Situado a duas quadras da Avenida Paulista, na encosta que verte para o Jardim America, num trecho socegado de rua, entre arterias de grande movimento, o "Externato Elvira Brandão" se acha em condições de proporcionar o maior conforto aos seus alumnos, que muito terão a lucrar em sua saúde com a salubridade do bairro.

Emparelhando tambem com tão perfeita installação, a organização geral dos cursos, o methodo pedagogico e a disciplina do modelar instituto, mereceram especiaes carinhos da sua directoria, a cuja frente se acham as distinctas professoras Aida Brandão Caiuby e Maria Angelica Grellet, auxiliadas por profissionaes de reputação, diplomadas da Escola Normal de São Paulo e mais auxiliares com curso do "Externato Elvira Brandão".

O PERIGO DOS ESCARROS

Cuspir ou escarrar arbitrariamente, constitue máo habito, contrario á hygiene e proprio de pessoas que não foram educadas.

Pelo escarro que se deseccou e se incorporou ás poeiras, são transmittidos varios germens nocivos, — **bacillos da tuberculose, pneumo-coccus, pneumo-bacillos, micrococcus catharralis, micro-bios da grippe** e varios outros agentes pathogenicos.

Dahi se infere o perigo que resulta, para a saude collectiva, do habito condemnavel de cuspir ou escarrar no interior das habitações, nas ruas e praças, no recinto dos theatros e casas de diversões, nos bonds e noutras especies de vehiculos, emfim em logares improprios a tal mistér.

Além de anti-hygienico, o acto de escarrar, sem as necessarias precauções, indica, da parte de quem o executa, descaso pelas normas rudimentares da limpeza e falta de consideração ás pessoas presentes, que ficam obrigadas a soffrer constrangidamente a repugnancia que semelhante acto origina.

As pessoas em evidentes condições de saude sejam as primeiras a offerecer o bom exemplo, não cuspindo nem escarrando, a não ser que sobrevenha necessidade imperiosa e, assim mesmo, unicamente em logares adequados, — escarradeiras, ralos, sargetas, etc.

E os enfermos, aquelles que, por inclemencia do Destino, são portadores de micro-organismos pathogenicos, devem ter o altruismo de uma conducta nobilissima, em face das desventuras que poderão occasionar, si disseminarem por toda a parte os seus escarros, em vez de se utilizarem exclusivamente dos vasos proprios, dos lenços e escarradeiras feitas para a algibeira.

CONSULTORIO

A. M. (Uberaba) — Deve usar: tintura de cardamomo 3 grammas, tintura de genciana 4 grammas, citrato de sodio 10 grammas, xarope de hortelã 30 grammas, magnesia fluida 1 vidro — meio calice de 4 em 4 horas. Depois de cada refeição principal, tome um confeito de "Choleokinase". Si, algumas horas depois da ultima refeição, apparecerem as perturbações alludidas em sua carta, use, no momento preciso, duas colheres (das de café) do "Carvão Naphtolado Granulado Fraudin", bebendo, em seguida, um pouco dagua fria.

CONCHITA (Valença) — Use: arrhenal 50 centigrammas, gottas amargas de Beaumé 1 gramma, tintura de genciana 5 grammas, extracto fluido de guaraná 10 grammas, extracto fluido de kola 10 grammas, glycerina 30 grammas, vinho de quina 700 grammas — um pequeno calice depois de cada refeição principal. Faça, por semana, tres injecções intra-musculares com a "Seroferrine".

E. C. (Rio) — Basta usar: analgerina 2 grammas, tintura de sementes de colchico 3 grammas, tintura de cabeça de negro 4 grammas, salicylato de sodio 5 grammas, agua chloroformada 15 grammas, xarope de canella 30 grammas, hydrolato de funcho 120 grammas — uma colher (das de sopa) de 3 em 3 horas.

H. P. A. (Nictheroy) — Basta de purgativos! Use apenas esta medicação: tintura de eucalypto 2 grammas, benzoato de ammonio 5 grammas, licor de Hoffmann 8 grammas, rhum 40 grammas, hydrolato de melissa 60 grammas, xarope de mentho 30 grammas — uma colher (das de sopa) de 4 em 4 horas.

MÃESINHA (Pouso Alegre) — Dê á creança alimentação muito leve — canjas, matte e leite com decocto de cevada (em partes iguaes). As lavagens intestinaes devem ser feitas com agua boricada, tendo uma colher de glycerina. Internamente, basta usar: elixir paregorico 15 grammas, sub-azotato de bismutho 2 grammas, hydrolato de hortelã 20 grammas, xarope de ratanhia 20 grammas, infuso de ipéca branca 100 grammas — uma colher (das de sobremesa) de 3 em 3 horas.

NENE' (Florianopolis) — Use: phosphato de bismutho 2 grammas, benzo-naphtol 6 grammas, gomma arabica em pó, quantidade sufficiente para conservar em suspensão o benzo-naphtol, magnesia fluida 1 vidro — meio calice de 4 em 4 horas.

ANONYMA (Santa Thereza) — Use, pela manhã e á noite, 2 comprimidos ovaricos. Depois de cada refeição principal, tome "Peptonato de Ferro Robin" — 12 gottas num calice dagua assucarada. Externamente, empregue: tintura de iodo recentemente preparada 20 grammas, tannino 80 grammas, glycerina neutra 300 grammas — uma colher (das de sopa) para um irrigador cheio dagua morna, em lavagens diarias, pela manhã e á noite.

I. N. A. (São Paulo) Só o exame de sangue indicará o tratamento a seguir.

L. A. I. S. (Caravellas) — Não ha perigo. A puberdade está sujeita a semelhantes perturbações. Passadas as crises periodicas, use: arrhenal 40 centigrammas, lacto-phosphato de calcio 15 grammas, glycerina 30 grammas, xarope de proto-iodureto de ferro 300 grammas — uma colher (das de sopa) depois de cada refeição principal. No momento de se recolher ao leito, use uma colher (das de chá) de "Sacerol" num pouco dagua assucarada.

J. G. (Friburgo) — O menino deve aspirar, tres a quatro vezes por dia, as fumigações de alcatrão, queimado em um vaso metallico. Usará: tintura de lobelia inflata 40 gottas, tintura de drosera 1 gramma, xarope de codeina 20 grammas, xarope de angico 50 grammas, xarope de tolú 50 grammas — uma colher (das de chá) de 3 em 3 horas.

DR. DURVAL DE BRITO.

PARA TODOS...

Cinearte-Album para 1930

OS MAIS QUERIDOS ARTISTAS DO CINEMA

✣

TRICHROMIAS QUE SÃO QUADROS DESLUMBRANTES

✣

40 RETRATOS MARAVILHOSAMENTE COLORIDOS

✣

Contos, anecdotas, caricaturas e historias lindissimas... Confissões das telephonistas dos studios... Belleza !... O livro de WILLIAM HART, GRETA GARBO... Como foram feitos os "trucs" do "Homem Mosca"... Films coloridos. Originalidade sem par ! ...

Se tem bom gosto escolha suas revistas no meio destas.

GALERIA COMPLETA DOS ARTISTAS BRASILEIROS

✣

RIQUISSIMA CAPA COM

GRACIA MORENA

✣

CENTENAS DE PHOTOGRAPHIAS INEDITAS

✣

Se na sua terra não ha vendedor de jornaes, enviae-nos hoje mesmo 9$000 em dinheiro, por carta registrada, cheque, vale postal ou sellos do correio para que lhe enviemos um exemplar deste rico annuario.

Um livro de Sonhos e Encantos ...

A' venda em todos os jornaleiros

SOCIEDADE ANONYMA "O MALHO"

TRAVESSA DO UOVIDOR, 21 -- CAIXA POSTAL, 880

RIO DE JANEIRO

Dona Isabel von Ihering presidindo a distribuição de brinquedos que a "Tarde da Creança" offereceu aos pequenos vendedores de jornaes.

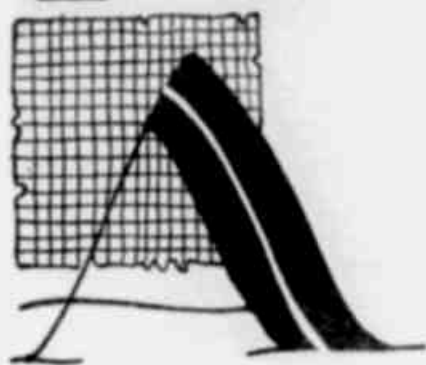
São Paulo

São Paulo

Inauguração da mostra de arte de Victor Brecheret no Predio Gloria com a presença de Dona Olivia Guedes Penteado e da pintora Tarsila.

Na Associação Christã de Moços

Na festa do seu 27° anniversario

FRIVOLO AMOR

A MARFANHANDO nas mãos convulsas o jornal revelador, Bettina deixou-se cair pesadamente sobre o sofá, com uma expressão de revolta sincera nos bellos olhos tristes.

A vida feria-a tão cruelmente pela segunda vez!

Hontem, a morte entre todas, dolorosa, de seu pae adoptivo, unico laço de familia que possuia, orphã como era, educada desde a infancia pelo carinhoso ancião que ha pouco lhe succumbira nos braços; — hoje, a insinuação perfida dum noivado entre o homem que amava e a rival execrada, insinuação que se destacava, infamemente delatora, num "carnet" de mundanidades, espelho da vida social, quasi sempre agitadissima, estupida e vasia.

A noticia alcançára-a em pleno peito: a principio, as letras dansavam-lhe ante os olhos, numa sarabanda phantastica, irrisoria. Quasi não conseguia entender o sentido das palavras!

Demois, pouco a pouco, com as mãos geladas e a testa a arder, foi-lhe chegando a comprehensão do facto que lhe parecia inaudito, e uma certeza de desgraça entrou a se apoderar do seu espirito, esmagando-a sob a irrefutavel verdade desse mal.

Elle! A creatura que o seu enthusiasmo affectivo tão alto collocara, emprestando-lhe uma alma de paladino amoroso, de "cavalheiro" incomparavel, bem distanciado da lama das vulgaridades, o artista de raça que a soubéra dominar com a sua vibratilidade apaixonada, revelava-se-lhe agora... um commum, igual á grande legião futil dos "incroyables" modernos, incapazes de um sentimento mais forte e duravel, que passam a vida entre o lazer esportivo nos banhos de mar e os flirts vantajosos, tendo por mira o aureo deus-dinheiro.

O jornal dava claramente a perceber tudo: a mais que commentada assiduidade do joven R. de N., festejado escriptor, junto á formosa senhorita X., — não havia iniciaes, mas a descripção que se seguia era bem a della! — a conhecida nadadora, "que trazia nos verdes olhos de ondina philtros capazes de acorrentar para sempre a alma dos homens"... E assim continuava o chronista, fazendo blague, valendo-se do banal motivo, para estadear a sua "graça" profissional.

Mesmo, a allusão ao "seu" livro de estréa era visivel: citava trechos até... como duvidar?

Duvida alguma era mais possivel. Tratava-se, sim, de Rogerio de Novaes, do eximio belletrista e artista verdadeiro, forte representante da formosura varonil, e nos seus olhos dominadores, ella vira reflectir-se todo o céu da felicidade, desejada por seu amor. O "seu" Rogerio!

E justamente nessa occasião, quando se achava sózinha e triste, no silencio daquelle lar que o infortunio despovoára, mais necessitada que nunca de carinho consolador, era assim alvejada pela torva ingratidão mesquinha!

O desencanto que se lhe incrustaria d'ora em diante n'alma não era de molde a ser abrandado por lenitivos nenhuns de tempo, ou de orgulho, bem o sentia...

Depois que se foi aos poucos dissipando a onda de amargura que lhe subira ao cerebro e á garganta, começou a reflectir no seu caso, aliás, vulgarissimo.

Sua altivez inherente impedia-lhe quaesquer manifestações de indignação ou pezar e, embora soffresse rudemente, não o demonstraria a quem a soubera esquecer.

A situação de "abandonada" doia-lhe aos brios femininos; tudo o que comporta de ridiculo para um amor-proprio tal humilhação, saltava-lhe ao espirito agora, cruamente; uma nevoa de colera turvou-lhe por instantes, o coração e a vista.

Dirigiu-se vagarosamente a uma mesa, procurando papel para escrever. Era a unica resolução adequada.

Discretamente e sem escandalo, queria dizer-lhe numa carta que, sendo o seu procedimento por demais notorio, ella não se prestaria absolutamente a semelhante farça; uma vez que

(Termina no fim do numero).

Helêna de Irajá

PAOLINO

BASCO, LENHADOR, BOXEUR, MILLIONARIO

PALAVRAS DE HENRY DECOIN. — DESENHOS DE JEAN-GABRIEL SÉRUZIER

Agora, o lenhador sumiu-se....

O circo de Paris regorgitava de gente. Grande desafio de box. No meio da multidão, um homem moço, athleta, olhava os combatentes, roendo as unhas. Aquelle que deveria ser, alguns annos mais tarde, campeão da Europa, rival de Gene Tunney, dez vezes millionario, o basco Paolino, viera, aquella noite, pela primeira vez, ver um match de box.

Sózinho, não sabendo uma unica palavra de francez, pobre, o lenhador basco, embora os seus hombros robustos e o seu pescoço de touro, parecia expatriado, timido, triste.

Acompanhava as dissimulações, as esquivas, os ataques, com uma admiração de filho de pobres deante de uma vitrine de brinquedos.

E como elle desejasse treinar, fazer-se boxeur, por ter os pulsos fortes, indicaram-lhe o Stade *Anastasie*, no alto da rua Pelleport.

Lá chegou com trezentos francos no bolso. Alugou um modesto quarto na vizinhança e começou a educação para pugilista.

A sua inaptidão fazia rir os frequentadores do ring de treinamento. Paolino era forte, prodigiosamente forte; mas, cortar arvore não é a mesma cousa, nem precisa da rapidez de reflexão que faz de um pugilista um campeão.

— "Não achas que elle errou a vocação?" — perguntava um peso pluma, com orelhas de couve-flôr.

— "E' horrivel, principalmente quando caminha sobre os pés da gente!" commentava um peso leve, amador de combates de piparotes...

Pobre Paolino! Recebia na cara rustica de aldeão todas as pilherias daquelles pesos pesados e leves que andavam em volta dos seus 90 kilos, fazendo gatimonhas e saltando nas pontas dos pés com as bailarinas.

De noite, no seu pequeno quarto, como um urso na jaula, Paolino chorava. O mysterio da Nobre-arte o inquietava.

Elle, tão forte, sempre acreditou que dar um murro era brinquedo de creança.

E, lá na aldeia, não lhe haviam aconselhado vir para Paris, bater-se, assombrar os adversarios, e voltar para a immensa e querida floresta com a fortuna ganha com os murros.

Tudo isso lhe disseram! Elle escutou, reflectiu, meditou nos prós e nos contras e partiu... olhando as arvores que desappareciam longe... E agora, bem comprehende a sua situação...

O pequeno peculio está no fim.

Paolino exita; tem medo; perdeu a confiança; o optimismo gastou-se: pensa em voltar...

Os gracejos mais incriveis... Até que um dia Paolino, furioso de receber os golpes de um peso pesado mão, perde a cabeça.

Pouco lhe importam os mysterios da Nobre-Arte. A sciencia, a virtuosidade, a famosa technica, o classicismo dos golpes, a algebra do contra, o jogo das pernas, esquece tudo e bate-se.

O adversario não é mais um homem. E' uma arvore.

E com arvores Paolino se entende. E como se entende!

Começa aos murros. Ouve-se boum, plonf, boum! Confusão no no stadium!

— "O lenhador está furioso!"

— "Os 90 kilos de gelatina estão irritados!"

Correm! Querem ver! Na verdade é um bello espectaculo! Algazarra! Paolino é uma machina de murros. Não se defende: ataca! O adversario tomba.

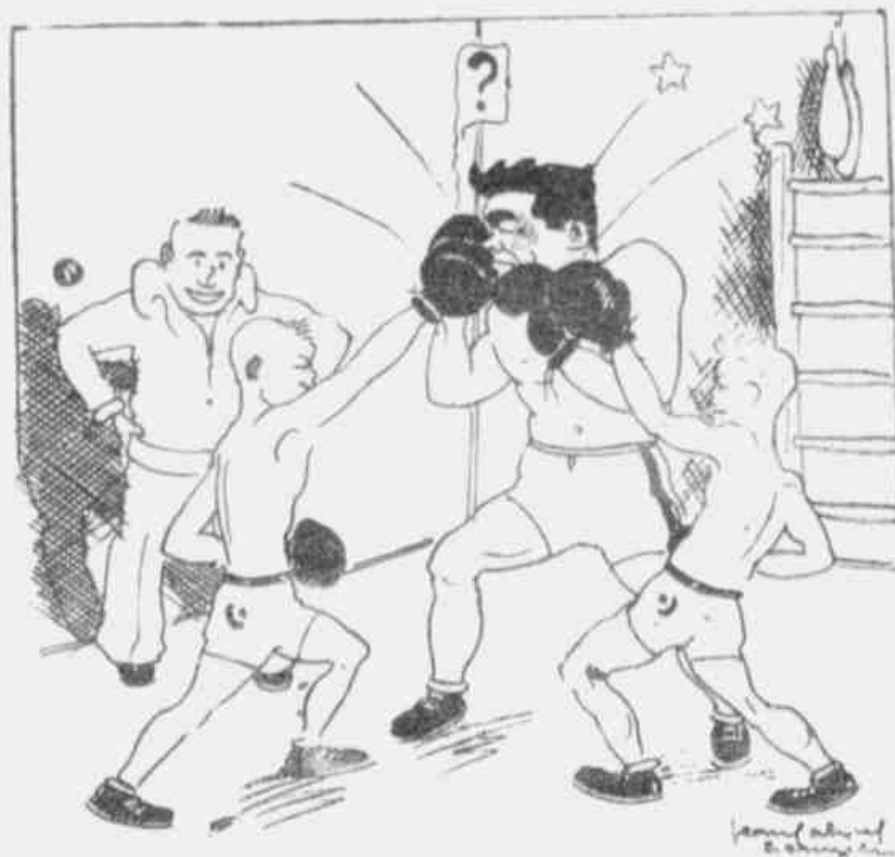
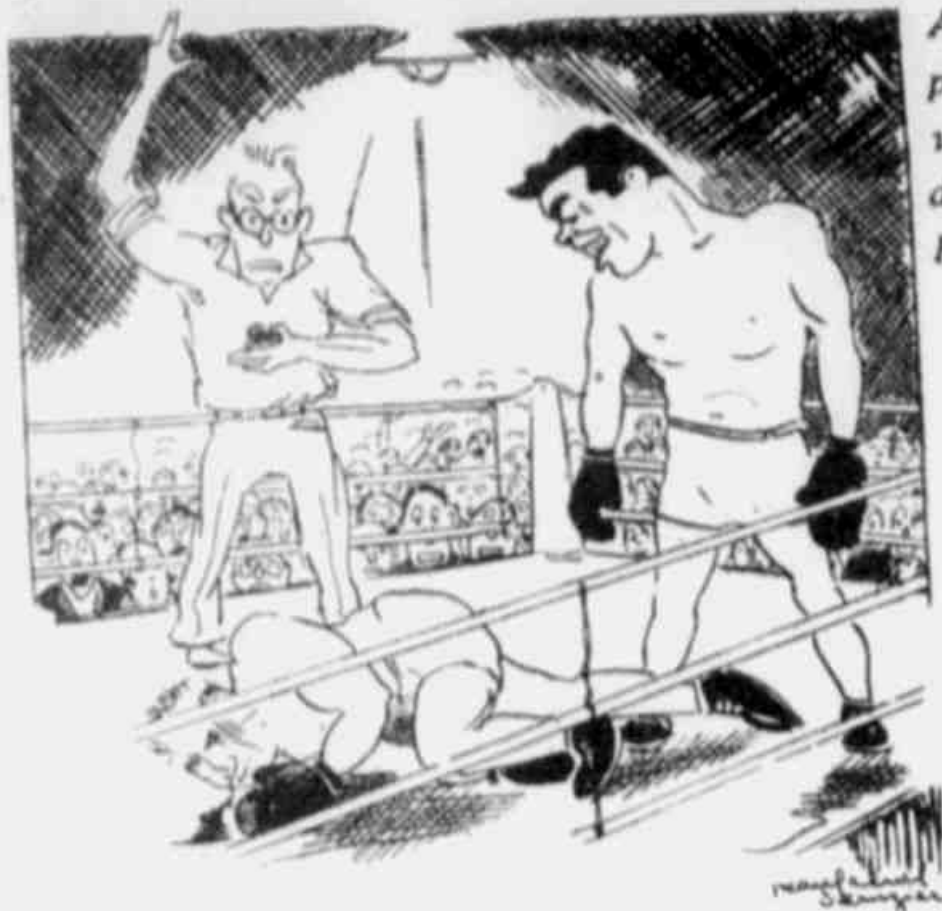
Como massa que cahe! Contam: um... dois... tres... quatro... cinco... O homem não se move... sete... oito... nove... dez... onze!... O homem não se moveu... Carregam-no. Agua, saes, massagens...

Os minutos passam. Volta a si. Paolino pede-lhe perdão...

Arthur, manager em busca de collocação, á noite, procura Paolino; se... por acaso... emfim... que... que poderá ser seu manager, tratal-o, treinal-o, arranjar-lhe contractos.

Apertos de mão. Quinze dias depois, na sala Wagram, Paolino mette o seu adversario K. O. no primeiro round.

Espanto! François Descamp aproveita a occasião. Não tem mais Carpentier; precisa de substituto. Quinze managers rodeiam o ex-lenhador.

Antes do estalo

A primeira victoria de Paolino.

Paolino e Arthur combinam a viagem que os enriqueceu.

Arthur está inquieto. Arthur é honesto, mas é pobre. Propõem adiantamentos a Paolino. Falam em leval-o para o campo, para um sumptuoso stadium de treinamento. Occupar-se-ão das suas despezas.

Mas o que está escripto, está escripto; o que tem que acontecer, acontece. Arthur e Paolino eram já um só coração, uma só alma. E seguiram confiantes pela estrada difficil e accidentada dos pugilistas, em busca de fortuna e de gloria.

Victorias aqui, triumphos acolá! Paolino é Paolino! Um nome! Pulsos! Cada murro mette o adversario K. O.

Paolino viu na revista *Auto* a sua photographia. Cortou-a e enviou-a á velha mãe... com um cheque de 500 francos...

Victorias ainda! Deante do ex-lenhador, os homens cahem, como cahiam as arvores. Uma tarde sahe do ring campeão da Europa. As mulheres deslumbradas, escrevem-lhe cartas.

Tem flores no camarim. Arthur beija-o. E os dois, escondidos, choram.

Os dias passam.

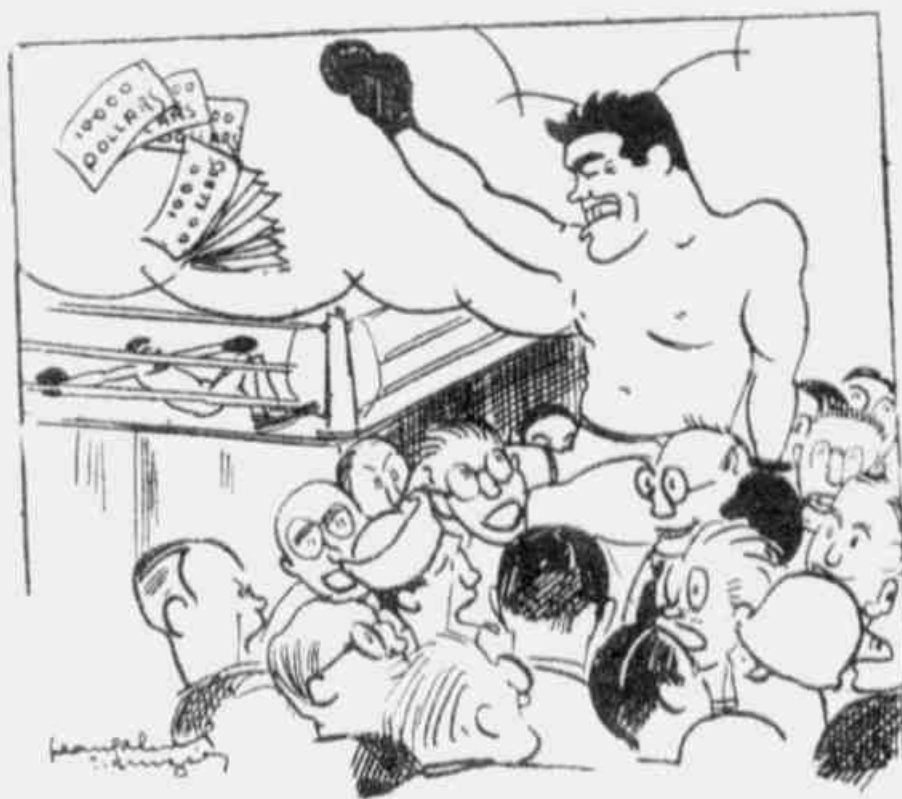
Arthur tem uma idéa:

— "Vamos á America?

— "Onde é a America?

— "Do outro lado... atravessa-se o mar...

Rumo ao paiz dos dollars

Com a fortuna nas mãos

— "E' longe?

— "Toma-se um grande navio; é justamente no fim da viagem do grande navio.

—" E' preciso muito dinheiro para tomar o grande navio...

— "Viajaremos em segunda classe...

Partiram. No fim da viagem encontraram-se em New-York.

Bella aventura! Paolino combater os perigosos pesos pesados americanos.

E' muito serio! Arthur está apprehensivo.

Mas o campeão da Europa sabe jogar box. Ganha... partidas e dollars.

Bella aventura! O sport, quando quer, torna grande um pequeno, rico, um pobre popular um desconhecido. Cada sportivo, cada homem, porque a vida é um sport, carrega com elle os limites possiveis, os fins a attingir; e nelle, no cerebro e nas arterias, os imponderaveis que fazem e desfazem a FORTUNA...

Paolino dorme num grande *Palace*. Nos seus sonhos andam phrases internacionaes, moedas internacionaes, publicidade internacional. E' um homem que pertence a todos os paizes, porque a sua celebridade é internacional. Está feliz. São Arthur vela junto delle...

A MODA AGORA E' SO' PARA AS PRAIAS

Roupas de banho, pyjamas, coisas léves para a areia das praias e para as aguas do mar O nudismo ainda não chegou aqui. Mesmo aquelle aguarda-nocturno que foi preso sem ceroulas, sem camisa, sem calça, sem casaco, conservou o boné na cabeça e as meias e as botinas de elastico. Aqui estão em photographias de Scaioni quatro lindos modelos para molhar nas ondas e no sol...

U R C A

Bahia de Guanabara

Quando a gente se lembra de que esta linda terra carioca por um triz não ficou se chamando *Rio de Dezembro*, ou, mais consoante aos costumes da época do descobrimento, *Rio de S. Silvestre*, não póde menos que sorrir á idéa do desapontamento de Pedro Alvares Cabral, ao verificar, só muito mais tarde, o seu equivoco... Tivesse — o querido Eolo, deus dos ventos, e o velame cabralico, vin- te e quatro horas antes teria saudado, com outro nome, a majestade selvagem destas plagas.

Os caprichos mordentes do destino... Que teria isso custado á gloria melindrada do nosso descobridor? Abandonado e esquecido em Santarem, talvez haja morrido o almirante com a desconfiança de que o engano attrahira para si a tacita má vontade do rei D. Manoel, que nunca mais lhe confiou outra missão. Não fosse elle,

F L A M E N G O

U R C A

depois do carapetão hydrographico, enterrar de vez a fama da navegação lusitana!

Naquelle tempo o erro foi mantido em homenagem e solidariedade dos reinóes com o seu bravo navegador. O Brasil attingiu, por sua vez, á maioridade, guardando as tradições de teimosia e persistencia no erro, herdadas da antiga metropole, com a mesma cabeçuda serenidade que faz a Prefeitura ainda hoje conservar em Botafogo o horrendo pavilhão de regatas do prefeito Passos...

U R C A

Rio de Janeiro. Mas, quem póde assegurar o motivo por que o almirante lusitano classificou de "rio" a esta bandeja immensa de prata brunida? A intuição que lhe fez impellir as caravelas para o oeste, não terá tido aqui uma repetição no conhecimen-

U R C A

to divinatorio de haver lançado an coras no reino das Yáras?... Elle as viu, vestidas com os proprios cabellos longos e abundantes, graciosas no bronzeado da pelle assada pelo sol, rapidas no andar de um extremo ao outro do areal virgem de pés christãos...

As praias são as mesmas. E nellas subsiste a estirpe peregrina das Yáras... do Rio de Janeiro.

Ellas ahi estão. Já não offerecem o mysterio que outr'ora escondiam no negrume dos cabellos longos e abundantes... Revelam-se, porém, na mesma esplendidez bronzea dos corpos gentis, agora reflorindo da polychromia dos *maillots*, que lembram Deauville, como lembram Catharina Paraguassú ainda feliz na liberdade selvatica da pradaria bahiana...

A Urca é balneario... Casino

U R C A

balneario, em que a gente chega de automovel e muda a roupa em cabines. Estudam-se as attitudes e bebe-se *cock-tail*... A sombra do edificio protege os banhistas do açoite fuzilante do sol. E elles ali ficam, esquecidos do tempo "páo" e quente lá das ruas, commentando deliciosamente a vida alheia e olhando a agua sem ondas, de placidez lacustre. A antiga Lavolina, humilde e discreta, tornada mundana, elegante, bisbilhoteira...

No Flamengo a praia é apenas um vestigio. Caes, e pedras para protegel-o das resacas.

U R C A

Os seus banhistas têm os dias de liberdade contados, e querem levar nos pulmões toda a seiva de vida eterna que brota dos abysmos do mar. São naturistas que, se o espaço minguado da praia permittisse, dormiriam em *maillot* sobre a areia.. Contemtam-se em chegar com o sol e sair com as primeiras sombras da noite. E' a praia da população do centro da cidade. Os que não tomam banho, vêem. Vêem do alto do caes as banhistas bonitas desabrigadas de guarda-sóes, recostadas no paredão...

E quando se repete que Deus dá a roupa conforme... o calor, logo um *increu* responde que isso de proverbios não vale nada.

Odilon Jucá

F L A M E N G O

AURELIO PINHEIRO

TIA FRANCISCA

DESDE a infancia os dois irmãos Ricardo e Ramiro ouviam falar na riqueza da tia Francisca, viuva de um capitão do exercito, que andara sempre em fartas commissões do governo cruzando os sertões do nordeste. O capitão morrera de febres no Piauhy, e D. Francisca ficara com o soldo, uma fazenda prospera, a casa onde residia e uma vaga saudade do marido errante.

Foi logo depois da morte do capitão, que a cunhada, uma senhora que parecia insipida e séria, fugiu com um dentista da cidade. O irmão de D. Francisca supportou durante trez mezes—trez mezes de assombros e conjecturas! —o infortunio do seu lar. Mas depois desse negro trimestre descobriu a residencia da mulher e matou o dentista, ferozmente, esmagando-o com uma bengala de ferro. Após o crime procurou a irmã, entregou-lhe os dois filhos, desappareceu, impressionado, desvairado, sombrio, no perpetuo espanto daquella aventura.

Talvez porque ao capitão nunca sobrasse o tempo, D. Francisca se encontrou viuva sem filhos. Teve piedade do irmão e ficou com os sobrinhos.

Ricardo o mais velho, entrava nos doze annos; era intelligente, reservado, impenetravel, dissimulando no olhar humilde astucias de felino. Raramente commettia imprudencias, e supportava o mau humor da tia, sempre risonho, sempre timido, seguindo-a com o olhar submisso e curioso. Ramiro, mais novo um anno apenas, tinha o temperamento irrequieto, alegre, affavel, uniforme como o das creaturas mediocres.

Foi primeiramente na escola primaria que os dois irmãos ouviram falar na fortuna e na avareza da tia. Mas nessa epoca elles não percebiam toda a extensão da maledicencia, e apesar de sóbriamente alimentados e vestidos, sentiam, embora feridos pelo sarcasmo dos condiscipulos, a vaidade de se não confundirem com os filhos do ferreiro e do carpinteiro.

Mais tarde, num pobre collegio da capital, onde estiveram quasi um anno, viram repetidas as mesmas ironias, os mesmos motejos, a invariavel injuria á tia Francisca, por esse tempo mais intratavel, mais egoista, mais funebre, vivendo como um lobrego avejão entre a casa e a igreja, mettida no vestido preto que a abrigava desde a morte do marido.

Ricardo e Ramiro começaram, então, a sentir os primeiros amargores. No collegio todos os alumnos, ainda os mais pobres, dispunham de gulodices enviadas pelos parentes, e de pequeninas quantias; e não raro nas horas de gymnastica ou de jogos violentos no recreio, se viam moedas que cahiam dos bolsos das fardas.

Para Ricardo essas moedas e essas gulodices eram duras, profundas offensas que attribulavam o seu espirito. E certa vez, na sua classe, quando levantaram uma subscripção para um presente ao director do collegio — elle e o irmão soffreram crueis humilhações. Os seus nomes foram riscados da lista no meio de satyras esmagadoras!

Nesse dia veio-lhe a primeira revolta. Escreveu á tia, expoz vivamente as scenas desagradaveis que o confrangiam, implorou o insignificante recurso para livrar-se da crueldade de tanto escarneo. Ramiro escrevera tambem, mais incisivo, mais rude, exigindo pequena importancia, desabafando todo o furor e contando a serie de ultrajes que os collegas atiravam á digna senhora.

D. Francisca respondeu aos sobrinhos severamente. E fazia revelações angustiosas: a despesa do collegio era feita pelo irmão, refugiado nos cafesaes de S. Paulo, de onde mandava a mesada para os filhos. Mas havia dois mezes que não recebia noticias desse irmão desnorteado; findava o semestre pago, e ella, fraca e pobre viuva, mal poderia sustental-os. Afinal, concluia asperamente, dizendo que o director receberia naquelle momento a ordem de excluil-os do collegio e envial-os para a sua casa.

Os dois irmãos partiram consolados. Era preferivel a escassez, o mau humor, o carolismo da tia Francisca, á insistente piedade do director e dos professores.

Ella recebeu-os consternada; e dias depois, após o jantar, explicou aos sobrinhos a minguada condição da sua existencia: o soldo do capitão era parco; a Fazenda tornara-se improductiva; as economias voavam com rapidez. Ora, nessa desesperada circumstancia era evidente que marchavam para a miseria — e para evitar a miseria não se havia inventado outra cousa a não ser o trabalho. E terminava, á cabeceira da mesa de jantar, os olhos seccos pousados sobre os sobrinhos:

— Só o trabalho! Vocês estão crescidos; podem ajudar-me. Ricardo irá para o escriptorio do tabellião Moreira; Ramiro para a loja do Sr. Guedes. Falei a esses senhores, e elles lhes darão almoço e jantar. Mas dormirão sempre aqui em casa.

No dia seguinte a essas explicações começou para os dois irmãos uma nova existencia de trabalho e tristeza. Cedo partiam para os empregos: Ricardo enfurnava-se no abafado escriptorio do tabellião, sentava-se á mesa de pinho, enchia pacientemente, com a letra ainda incerta, longos cadernos de almaço e vastos livros de escripturas. O velho Moreira, baixinho, vivo, sagaz, admirava a gravidade do seu novo empregado, dava-lhe as refeições, e por vezes, aos sabbados, pequeninas gorgetas.

Ramiro trabalhava na loja do Sr. Guedes, ao balcão, sorridente e conformado.

Assim corria, regular, tranquilla, monotona, a vida dos dois irmãos.

Um dia, porém, quando Ricardo, após o almoço, se encontrava sósinho no escriptorio, o carteiro deixou sobre a sua mesa uma carta para o tabellião. Elle distrahido virava e revirava entre os dedos o grosso enveloppe. Mas, de subito deixa o devaneio que o tomara, prepara-se para o trabalho, afasta para um canto da mesa livros e papeis. E foi nesse momento, quando ia deixar a carta sobre a mesa do tabellião, que reparou no subscripto da mesma, e estacou surprezo! A carta vinha "aos cuidados do Tabellião Moreira", mas se endereçava á D. Francisca Rebouças — á tia Francisca! Examinou-a, reparou na letra, grossa, larga, segura. Era a letra de seu pae, conhecida, afamada, inconfundivel, que elle tantas vezes vira elogiada pelo tabellião!

Veio-lhe o brusco desejo de saber o que dizia aquella missiva, e conhecer a sorte do pae, tão desgraçado e tão meigo, que o abandonara aos soluços e fugira allucinado para soffrer bem longe a saudade da esposa indigna e a deshonra do nome. Ouviu passos na calçada; teve um gesto decisivo — metteu rapidamente a carta no bolso.

A' noite, ainda cheio de sobresalto, revelou ao irmão o que succedera, como distinguira logo a calligraphia paterna, como o tentara o desejo de roubar; e como tudo fôra estranhamente propicio ao delicto.

Estavam sós no aposento em que dormiam. Tia Francisca fôra á novena com a criada, e toda a casa jazia em silencio e treva. Ricardo tirou do bolso o grosso enveloppe, examinou-o á luz do candieiro de petroleo, os dedos a tremer como numa profanação. Mas Ramiro, impaciente, afogueado de emoção, exigia a leitura:

— Vamos! Anda logo! Nós temos o direito de saber noticias do papae.

E como o irmão o olhasse receioso, elle num gesto vivo tomou-lhe a carta, abriu-a, soffrego.

Era uma longa epistola, em forma de Diario, contando, no meio de infindaveis detalhes, toda a sua vida de emigrado, entre gente desconhecida, na grandiosa terra paulista. Ali conseguira acalmar o coração e esquecer a esposa infiel. Quasi ao fim da immensa narrativa, falava nos dois filhos, pedia-lhe — agora que deviam estar adolescentes — que por elles velasse e nelles deixasse crescer mais forte e mais doce o amor ao pae desventurado.

Ao terminar referia-se a assumptos financeiros. Remettera sempre á irmã, religiosamente, todas as suas economias, para que os filhos, após os estudos, encontrassem uma pequena fortuna que os livrasse d e

(Termina no fim do numero).

QUANDO o Gomes Ferreira chegou ao escriptorio naquella manhã, vinha com a carranca tigrina Carregando um pesado fardo na alma Doente Sentia-se-lhe o mar revolto que elle trazia no seio, vendo-se-lhe a pupilla parada e fria como uma lamina, a bocca refranzindo-se de instante a instante, num rictus que era de desencanto, de renuncia e de colera.

Os socios e empregados nunca o tinham visto assim. Pouco dado a facecias, mas delicado e conversador, jamais o haviam surprehendido numa grande alegria ou num grande tormento. Os negocios da firma Gomes Ferreira & C. corriam bem e no lar do chefe parecia que nunca nuvem meno clara passara, toldando-lhe a paz e a ventura.

Por isso houve murmurações timidas, cochichos, indagações em segredo entre empregados que olhavam o patrão receiosamente, procurando na sua physionomia taciturna e fechada, desvendar algo Entre os socios corria a mesma anciedade de conhecerem o mysterio Olhavam o chefe de soslaio, indagavam-se a furto, e mesmo sobre negocios tinham receio de irrital-o.

A manhã no escriptorio da firma Gomes Ferreira & C transcorreu nesse ambiente anormal e inquietante. Depois do almoço não viram mais o chefe da casa.

"Não seja lorpa Gomes Ferreira. Abra os olhos e veja o que se passa em derredor Emquanto o senhor se afunda no seu armazem a discutir preços de cebolas e alhos D Clara cuida de outras cousas agradaveis Anda com um amante ás vistas de toda gente Se o senhor sobre põe a sua honra á cobiça, não continue a ser ridiculo na vida."

A carta fôra recebida, ao sahir de casa, das mãos de um garoto Parára e lêra-a ali mesmo na rua, esperando o bonde Encostara-se ao poste e ficara com as pernas tremulas, as faces em fogo, sem saber o que lhe ia na cabeça, onde os pesamentos mais confusos se embaralhavam, toldando-lhe o entendimento e a reflexão Treslera a carta denunciadora sem meditar se ella continha uma infamia ou uma verdade, amarfanhando a, guardando-a depois Mas dir-se-ia que toda a gente que ali esperava o bonde tinha lido com elle o papel anonymo Ficou a pensar se devia voltar á residencia ou ir para a casa commercial Foi para á casa commercial, onde chegou com a cara tigrina.

* * *

A senhora Clara Ferreira andava ha dias, ora a telephonar para um moço socio da firma Gomes Ferreira & C ora a conversar com elle na casa da sua amiga Leonor Proença, na Tijuca

Amiga da meninice da outra mas honesta, não foi sem pouca resistencia que acquiesceu em lhe auxiliar os amores illicitos Iam as duas ao Cinema, frequentavam os chás e era a mulher de Gomes Ferreira quem mais se approximava de Victor Braga, o tal moço, pela intimidade que tinha em virtude de ser socio do seu marido

Na rua parecia que Clara Ferreira era a amante de Victor Braga E como não tinham ainda outro logar mais discreto, os encontros se faziam onde podiam ser feitos sem a intervenção de Clara Ferreira na casa de Leonor Proença

A bisbilhotice carioca da visinhança e a de quem os via na rua só tinha uma conclusão: era de que a mulher de Gomes Ferreira não passava de amante de Victor Braga, eliminando a [illegible] de qualquer suspeita E o facto delle encontral-a em publico, acompanhal-a ligeiramente, ir á casa de Leonor Proença robusteceu a maledicencia

Ella não se apercebia disso, na ingenuidade do que praticava e ia adiante, esperando que um dia fosse inutil a sua assistencia entre os dois apaixonados Emquanto esse dia não vinha, a sua honra ia sendo estraçalhada na bocca de certa gente E foi assim até o dia em que o marido recebeu a carta anonyma

* * *

Gomes Ferreira passou um mez de angustia Do desespero Envelheceu dez annos em trinta dias Vieram lhe cabellos brancos Rugas E a tortura maior estava na dissimulação de tudo isso, quer perante a mulher, quer perante os socios e empregados E a sua tortura augmenta-

va, quando sahia a caminho da casa commercial ou regressava para a residencia, porque não tinha coragem de levantar a cabeça, na supposição de que todos os transeuntes e visinhos o olhavam ou vinham vel-o passar e rir-se delle, zombando da sua desventura, escarnecendo da sua honra.

Costumava almoçar pela manhã com o socio num restaurante da cidade, á noite, na mesa com a mulher por varias vezes tentára dizer qualquer coisa que a provocasse, ou atirar-lhe de vez em pleno rosto a sua torpeza. Mas temia accusal-a de uma falta que ella não houvesse commettido, achando melhor pegar os dois e dar-lhes o castigo merecido.

Ao recolher-se, vinha-lhe o mesmo desejo e a mesma covardia.

E' verdade que nada de mais notara na mulher nenhuma differença, mas tambem sabia que as mulheres usavam de mil e uma formas de dissimulação e artificio. Fazia-se preciso porem sahir da situação em que se encontrava, tanto mais que lhe fôra parar ás mãos, enviada pelo correio, outra carta egual á primeira. Tomar um rumo. Decidir-se. Chegou á encruzilhada deste dilemma: a honra vingada ou a morte.

Comprou um "Smith and Wess", adquiriu uma porção de toxico que eliminaria dez homens e jurou a si mesmo que dentro de dois dias estaria tudo liquidado. Mataria a esposa adultera e se mataria em seguida ou iria entregar-se á policia. Só sobre esses dois ultimos pontos é que Gomes Fer-to:

reira vacillou um momen-

— Matar-se, porque? reflexionou. Vingaria a sua honra matando Clara e confessaria o seu crime, aguardando a decisão da justiça humana, que não lhe poderia ser negada.

Mas decidiu-se. Daria dois tiros na mulher, quando a surprehendesse em flagrante com o deshonrador do seu lar.

* * *

No segundo dia os jornaes noticiaram um facto escandaloso e sensacional.

Entrando em casa inesperadamente o dr. Paulo Proença encontrara a mulher em "peignoir", em plena sala de visitas, nos braços de Victor Braga, socio de Gomes Ferreira & C., tal como lh'o haviam prevenido na vespera, pelo telephone.

Não vacillou. A colera de que ia possuido, explodiu, diante da scena ignobil. Atirou em ambos, matando o seductor; a mulher ficou atirada ao chão, no desalinho tragico e escandaloso, com as vestes finas e azues rubosejantes de sangue. Tiveram tempo de chamar ainda a Assistencia que a achou morta.

* * *

Gomes Ferreira, que de jornaes só se interessava pela pagina que lhe falava em entradas de generos, de tantos a tantos do mez e de cotações do Centro do Commercio de Cereaes, no dia seguinte, comprou um jornal, entrou num café que lhe pareceu mais discreto e abriu-o na pagina policial.

"Lá vinha em titulos escandalosamente visiveis:

SURPREHENDENDO A ESPOSA EM FLAGRANTE ADULTERIO, MATOU-A E AO AMANTE, A TIROS DE REVOLVER.

E depois sub-titulos e photographias dos amantes, do marido, da sala onde se desenrolara a tragedia e a historia dos amores peccaminosos. Em todo o romance nem numa linha se falava em D. Clara.

Gomes Ferreira leu a noticia quasi com volupia. Já ia levantar-se, quando viu que não havia ainda tomado o café. Bebeu-o mesmo frio, pagou, já de pé, e sahiu. Era outro homem.

A' noite, chegou em casa mais cedo do que de costume e com uma cara quasi ridente.

Jantou com maior appetite. Trocou impressões sobre coisas do dia com a mulher, sem falarem ainda no crime da vespera. Ao adormecer, com espanto da propria esposa, beijou-lhe amorosamente a bocca que jamais beijara outro homem. E dormiu como um justo.

CARLOS RUBENS

Illustração de U. della Latta

A megalomania de Jacques Clarel de Courteville

R. Magalhães Junior

Desenho de Acquarone

NO Quartier Latin, — o bairro pobre de Paris, em que moram os estudantes e artistas bohemios e onde, frequentemente, se desenrolam grandes e obscuras tragedias, — vivia o pintor Jacques Clarel de Courteville, figura apagada, quasi desconhecida nos circulos de arte parisienses.

Aquillo que Jacques Clarel de Courteville emphaticamente chamava os seus "aposentos" era uma miseravel agua furtada, de cujo tecto esburacado pendiam enormes teias de aranha. Perto de uma janella, cujos caixilhos faziam crêr que outr'ora fôra envidraçada, jazia o cavallete do pintor e, sobre um tosco banco de madeira, viam-se o pincel e a palheta. A um canto, divisava-se um monte de jornaes, que Courteville dizia ser o seu leito.

Uma impressão angustiosa de desconforto envolvia, immediatamente, o espirito de quem ali penetrasse. E se um homem, com um nome tão bello e sonoro como Jacques Clarel de Courteville, ali vivia, era porque a sua miseria não conhecia limites.

O pobre pintor viera de sua provincia — a Normandia — estudar leis na Universidade de Paris, em obediencia aos desejos de um velho avô, que lhe dava parca mesada.

Na grande cidade, Courteville encontrou um antigo condiscipulo, Lenoix Duclerc, que fazia brilhante curso na Academia de Bellas Artes.

Suggestionado pelos conselhos desse amigo — a quem os criticos, mais tarde, chamaram de "grande mestre da pintura moderna", — esqueceu as recommendações do avô, comprou um pincel e uma caixa de tintas na "Maison Da Vinci" e entrou para o curso de pintura.

Naquelle instituto, foi sempre um alumno mediocre, sem grande habilidade. Não lhe faltava, entretanto, applicação aos estudos. Ouvia as aulas com attenção, era de uma assiduidade sem par,, vivia constantemente agarrado ás caixas de tintas, lendo manuaes sobre pintura e fazendo, como exercicio, copias de quadros notaveis.

Os seus progressos eram, todavia, lentos e diminutos. No ultimo anno do curso teve uma reprovação e foi obrigado a repetil-o. Mesmo assim, não estava convencido da sua mediocridade e acalentava, interiormente, a idéa de vir a ser, no mundo das artes, um nome tão venerado como o de Ticiano, como o de Rembrandt, como o de Franz Hals.

Terminado o curso, concorreu ao "Salão". Enviou tres quadros, dos quaes só dois foram expostos. O jury desclassificou um dos trabalhos, calcado em uma lenda da mythologia grega — "O Sonho de Orpheu". As telas expostas foram, porém, premiadas com medalhas de prata, — os chamados premios de animação.

Jacques Clarel de Courteville soffreu uma rude e dolorosa decepção. A attitude do jury, desclassificando "O Sonho de Orpheu", que elle julgava um trabalho extraordinario, deixou-o atturdido. Mas consolou-se, pensando que o jury, composto de velhos artistas academicos, não estava á altura de comprehender um pintor, como elle, insurgido contra as "estupidas regrinhas escolasticas".

As medalhas de prata, entretanto, accenderam no espirito do pintor o facho da indignação. Aquillo não era premio que se désse a um artista do seu quilate. Era, para elle, uma affronta, uma revoltante offensa, a concessão das medalhas de prata, que o jury distribuia, como simples estimulo, apenas como incentivo, a qualquer principiante que figurasse no "Salão".

E não descansou emquanto não disse, pessoalmente, meia duzia de desaforos aos "velhotes cretinos", que constituiam o jury.

No recanto da longinqua provincia em que vivia, semanas depois das occorrencias que acabamos de relatar, o avô de Courteville leu, surpreso, nas gazetas, a noticia de que o neto, recentemente diplomado pela Academia de Bellas Artes, conquistára, no "Salão", duas medalhas de prata.

Com que, então, o peralvilho fôra estudar para pintor? — rugiu o velho. Desobedecera os seus conselhos e fôra metter-se com essa sucia de vagabundos, que andam com os ateliers cheios de mulheres núas... Mandára-o a Paris, para que fosse um advogado, um doutor, um homem sério. Queria vel-o mettido numa toga, solemne, cheio de gravidade, assignando despachos e presidindo tribunaes. Isso de pinturas é que não lhe cheirava bem...

Quiz saber a opinião do vigario da parochia sobre o caso. O vigario, uma bôa e gorda creatura, com quasi cincoenta annos de latim e de rapé, achou que aquillo era um descalabro, uma vergonha para a familia. Sahira um grande maroto, o tal senhor Jacques Clarel de Courteville, concluiu o velho parocho, enchendo-de rapé as fossas nasaes.

Deante disso, o avô não teve duvida em impôr severo castigo ao neto que, imprudentemente, se transviára.

E' desse modo, Jacques Clarel de Courteville, dias depois, recebeu em Paris a noticia de que sua pensão se achava total e definitivamente suspensa.

O pintor deixou, então, de viver modestamente. Passou a viver na miseria. Difficilmente conseguia vender, mesmo por insignificantes quantias, alguns trabalhos seus, para matar a fome. As suas roupas mais apresentaveis, em pouco tempo, estavam reduzidas a farrapos.

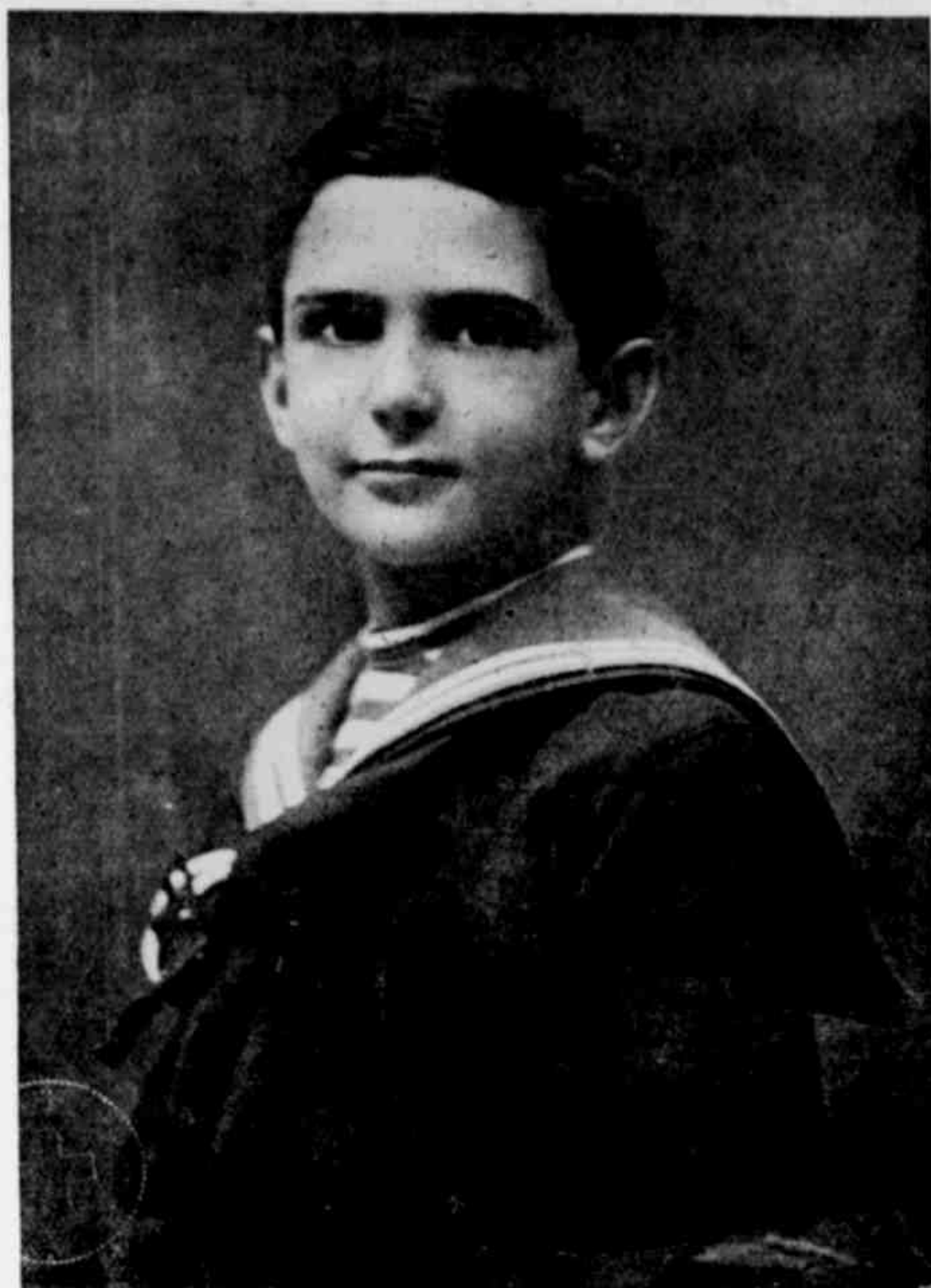
Faltando-lhe roupa, faltou-lhe tudo. Os amigos, com os quaes, muitas vezes, almoçava, ou jantava, esquivavam-se, quando o encontravam, porque não ha quem goste da companhia de esfarrapados. Os seus quadros, nem por cinco francos, havia quem os quizesse.

Jacques Clarel de Courteville, que comia uma vez por dia, passou a comer de dois em dois dias. E, de uma feita, entrou o misero pintor pelo terceiro dia, sem que o seu estomago tivesse sentido o confortador contacto de um pouco de pão e de salame, — iguarias que de ha muito constituiam o invariavel "menu" das suas refeições.

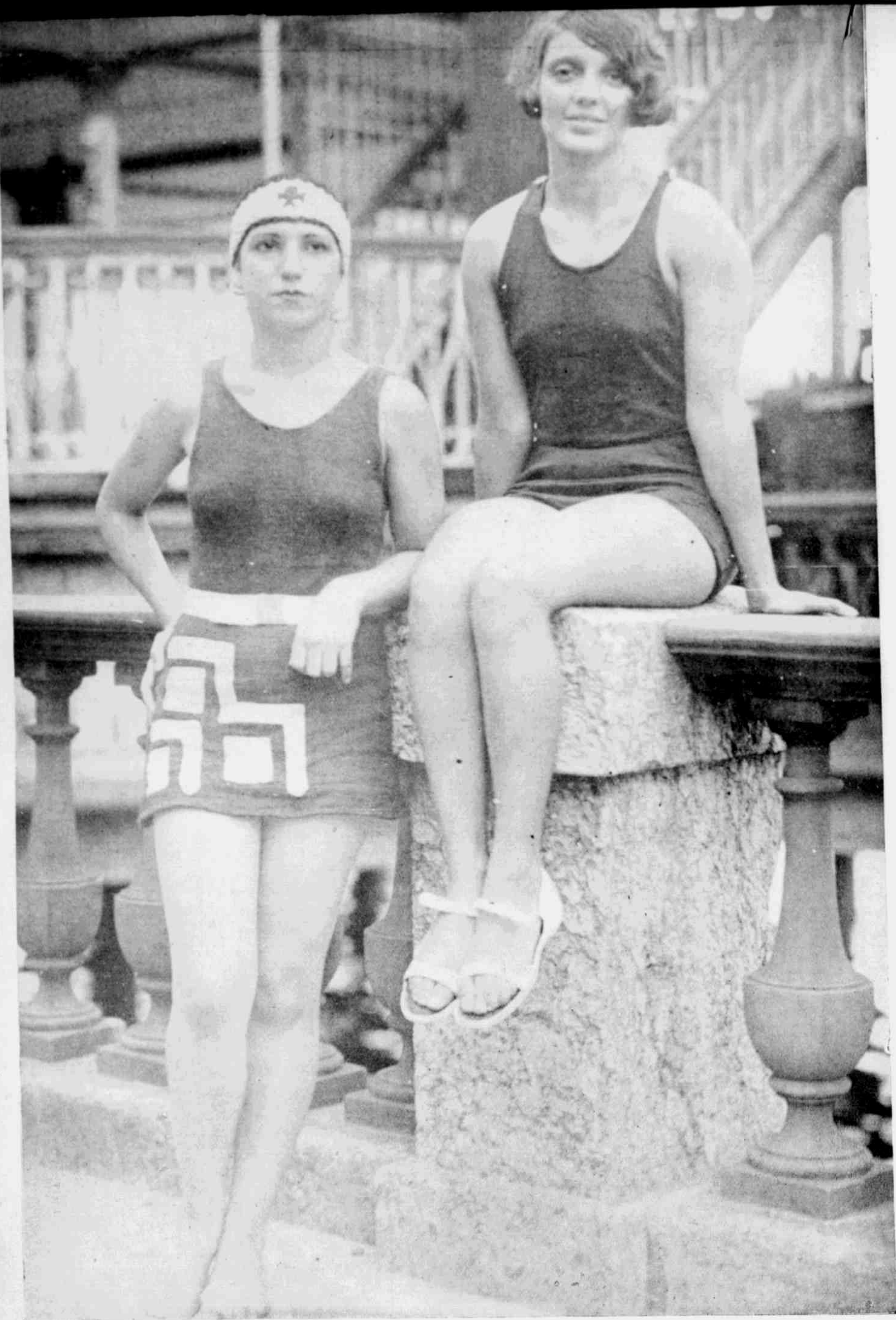
Esfomeado, nesse dia, o pintor sentia revolverem-se-lhe as visceras em dolorosas contorsões. O seu rosto, abatido, desfigurado, era bem o espelho dos soffrimentos que o torturavam. Seriam onze horas, quando um cheiro activo de guizados, de viandas assadas, entrando pela janella, aguçou-lhe ainda mais o já enorme appetite.

Courteville pensou, então, naquelles anjos bons de que lhe falára sua velha mãe, naquelles anjos bons que apparecem, para nos valer, nos momentos mais difficeis da vida. E acreditou que os anjos, ruflando as longas asas brancas, iam entrar pela janella a dentro, rodeados de salsichas celestiaes, afim de livral-o do supplicio da fome.

Mas os anjos não appareceram e Courteville foi á janella, pesquizar de onde vinha aquelle forte cheiro de guizados. Alongando a vista, o pintor lobrigou, no predio vizinho, uma robusta e corada filha da Bretanha, pondo á mesa o succulendo jantar com que seus amos commemoravam as badas de prata. Sobreveiu-lhe um accesso de raiva, uma for-

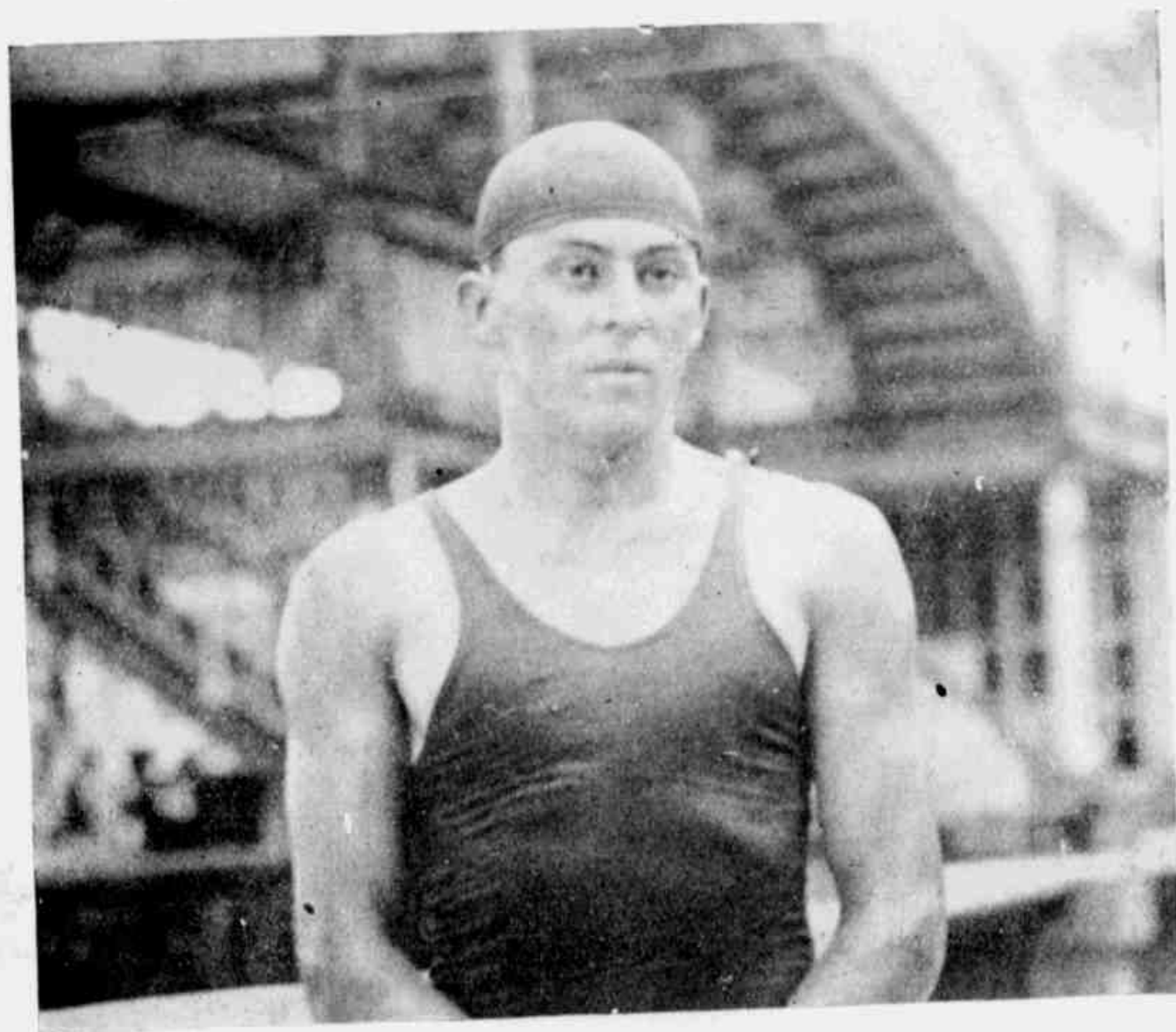
(Termina no fim do numero.)

Quando Umberto di Savoia ainda não pensava em casar...

O herdeiro da corôa italiana com seu pae e em duas outras photographias do tempo de menino. Elle não tinha chegado aos treze annos. Foi aos treze annos que o Principe encontrou Maria José, da Belgica, uma vez, em Florença. Brincaram juntos. Não se entendiam. E puzeram-se a gostar um do outro. Doze annos depois, no dia 8 de Janeiro de 1930, a filha do Rei da Belgica e o filho do do Rei da Italia casaram-se. Houve muitas festas. E elles vão ser muito felizes.

SENHORITAS LAURA MARTINS DOS SANTOS E MARIA' CANDIDO MENDES DE ALMEIDA QUE DISPUTARAM A 6ª PROVA COM A VICTORIA DE MARIA'

Alguns dos nadadores das provas promovidas pelo Club Boqueirão do Passeio na enseada de Botafogo, domingo

Concursos de nadadores estreantes e novissimos

Carlos Bastos (Boqueirão) vencedor da 1ª prova de estreantes, Adelino Astuto (Boqueirão) vencedor da 8ª prova de novissimos

SAHIDA DA MISSA DE DOMINGO NA IGREJA DA GLORIA NO LARGO DO MACHADO

Fantasias para o Carnaval

Está chegando a hora... Aquella hora que o Rio espera desde a quarta-feira de cinzas... "Para todos..." entrega hoje ás suas amigas algumas idéas de fantasias para os bailes e para os côrsos. Outras virão todos os sabbados até o grande sabbado:

COSSACO — Setim ou velludo vermelho, botões de "strass" nas aberturas das mangas; calça "bouffante".

RUSSA — Blusa de seda branca e mangas largas bordadas a contas. Casaco armado de pelle, e na saia franja de tres tons.

SUISSA — Vestido de velludo escuro, fichú preso por duas voltas de perolas grandes e avental em fórma de laço, de taffetas.

1830 — Taffetas em crépe da China estampado, grande chale de musselina e chapéo "cabriolet".

GRUPO DE "SEVRES" — "A dama", de taffetas azul hortensia, babados de filó de seda, e bordados a ouro. No chapéo plumas de avestruz em tres tons: azul, rosa laranja e rosa secco.

"O cavalheiro" veste casaco de seda lavrada, sem mangas, calça de setim claro e "jabot" de renda.

1830 — Taffetas escossez, calças de renda e fitas de velludo azul.

CAMPONEZA DA GRECIA — Bordado multicôr na blusa, avental bordado e guarnecido de franjas; saia de seda vermelha, plissada.

HIGHLANDER — Blusa de crêpe quadriculado, saia de xadrez e bolero de velludo castanho escuro.

ESTALAJADEIRO — Blusa de cambraia branca, collete de velludo vermelho, avental azul e calça escura.

LAZZARONE — Blusa de seda marfim, saia listrada de vermelho laranja e branco, faixa e lenço da cabeça do mesmo tom.

ORIENTAL — Bolero de setim, mangas em fórma de azas forradas da gaze de que é feita a blusa e a calça que cobre uma das pernas.

FUSTANELLA — Bolero bordado, blusa e um dos babados de "lamé" dourado, ainda um babado de musselina vermelha do vermelho do setim da faixa e do gôrro guarnecido de grande borla de ouro.

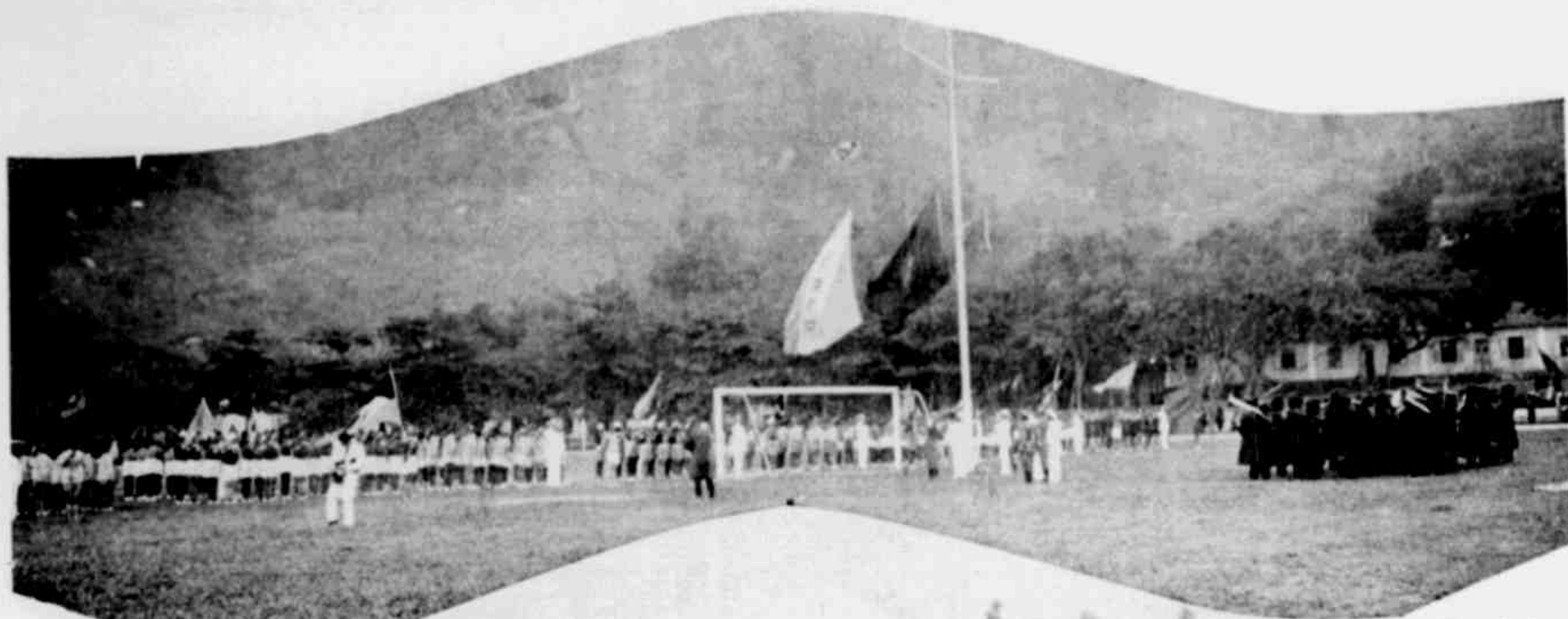
PASTORA — Blusa e "paniers" de taffetas quadriculado, saia azul, de setim, fichú e meias mangas.

CRIADINHA SECULO XVI — Corpete de taffetas vermelho, fichú de linho, saia plissada de taffetas azul-roxo.

Senhorita Didi Caillet na tarde do seu lindo recital no Theatro Casino — 14 de Janeiro de 1930.

DIDI CAILLET realizou mais um milagre: encheu em pleno verão o theatro Casino. Veiu gente de Petropolis para ouvil-a. Veiu gente de Copacabana e da Tijuca para viver duas horas contentes, escutando Didi Caillet e vendo Didi Caillet. Ella tambem, quando era mais menina, passou pelos cursos de declamação. Mas não se estandardizou. Tem modos simples. Tem uma voz que não pede soccorro. E tem pena dos nossos irmãos invisiveis que andam no ar: não dá nelles a todo o instante: gesticula com bondade. Mais: Didi Caillet acredita nos poetas bons. Si ainda inclue alguns brabos nos seus programmas é só por amor á tradição. Disse uma coisa de Helio Peixoto e foi um successo. Si ella dissésse uma coisa de Santa Rita Durão não ganhava nenhuma flor. Eh? Não ganhava? Ganhava. Didi é tão bonita. O vestido della era tão bonito. Tudo se perdôa a uma creatura assim, com um vestido assim. Depois, ninguem esqueceu que essa brasileirazinha do Paraná quasi que foi Miss Universo. Só faltou ir a Galveston. Ella foi-se embora quinta-feira para Curityba O Rio já está com saudade. Volta depressa, Didi!

Senhora Nazareth Prado, que acaba de publicar um livro sobre seu pae: "Antonio Prado e sua acção no Imperio e na Republica". Livro de amor e de verdade, recebido com elogios unanimes.

Baile de sabbado passado no Praia Club, em Copacabana

Em cima: inauguração do Centro de Educação Physica na Fortaleza de São João. No meio: missa campal na Esplanada do Castello.

Em baixo: peregrinação ao marco da cidade, na Fortaleza de São João, promovida pelo Centro Carioca.

Dia de São Sebastião

Dia do Rio de Janeiro

— E' uma desgraça! Os theatros andam vasios! Todas as peças cáem! Dissolvem-se companhias! Não tarda a miseria para os artistas!
— Quem tem a culpa?
— O governo, está claro...

(Desenho de Guevara)

E o Publico?

MARIO NUNES

Na pesquiza a que todos nos entregamos das causas da decadencia do theatro, como diversão, no Rio, distribuimos as responsabilidades, culpando os artistas, os empresarios, os autores e até a critica. E o publico tem sido esquecido e, no entanto, elle concorre decisivamente para esse estado de cousas.

E' muito reduzido o numero de pessoas que frequentam assiduamente os theatros. Quem vae ás "premières" sabe disso. Vê sempre as mesmas caras. Tem-se até o desejo de cumprimentar os que vão chegando, tão familiares são as physionomias. E' essa meia duzia que vae decidir do exito de uma temporada ou da carreira de uma peça. A massa virá se repercurtir, lá fóra, o successo do espectaculo.

Mesmo, porém, alcançado o successo não se póde contar absolutamente com o publico. A população do Rio conserva, com pertinacia, seus habitos aldeões. Se está fazendo calor, não vae ao theatro porque só sente calor no theatro. Se cáe uma chuva refrescadora, não vae ao theatro porque está chovendo. O carioca tem verdadeiro pavor da chuva. Não comprehende que se possa sahir de casa quando chove e só sáe, a força, para o trabalho, assim mesmo maldizendo-se, julgando-se a creatura mais desgraçada do mundo. Dahi o ser precarissima a vida dos theatros no verão.

Mas não é só isso. Parece que falta ao publico sensibilidade. Nada o enthusiasma, nada o faz vibrar. Não exterioriza, pelo menos, suas emoções, e sua frieza, real ou apparente, é um outro obstaculo, e sério, á expansão do theatro. Se gosta, volta; se não gosta, desapparece. Mas gostando, quasi não transmitte a outrem sua impressão, e assim deixa de prestar auxilio que seria precioso para o triumpho do emprehendimento.

Lecticia Flóra, que foi da Companhia do Theatro Casino.

Observando os factos mais de perto, chego mesmo a pensar que não existe, em absoluto, amor pelo theatro. Ha curiosidade, curiosidade apenas. E satisfeita, nada mais ha a esperar. Por isso dão dinheiro, entre nós, os chamados "tiros theatraes". Uma grande reclame em torno de uma peça ou de um artista e theatro repleto, mas só naquella noite, bem entendido. E, quando nos visita uma celebridade mundial, cada uma das pessoas que frequentam theatro procura ir vel-a uma vez. E ficam satisfeitas. Pouco importa a mudança de peça ou de programma. Já viram, não precisam ver segunda vez...

E' um publico assim que tem de ser trabahado pelas empresas theatraes. Nem foi por outra razão que o empresario Celestino Silva maliciosamente determinou no seu testamento que se deitasse abaixo o Theatro Apollo, que era seu, e no seu logar se edificasse uma escola...

E lá está ella na rua do Lavradio.

Companhia de Revistas do Recreio está ficando um caso muito sério

Antonio Neves não tem medo do calor nem do Carnaval. Crise para elle é uma palavra sem sentido. O Recreio tinha Aracy Côrtes, Olga Navarro, Zaira Cavalcanti, Elsa Gomes. Tinha tambem Lelita Rosa. Lelita Rosa foi-se embóra. Appareceram aqui, rumo de Buenos Aires, Tina Jarque e Isabelita Ruiz, que a ultima temporada da Companhia Velasco apresentára ao Rio. Antonio Neves não quiz que as duas estrellas fossem para Buenos Aires. Porpoz-lhes contracto. E o theatro do fim da rua do Espirito Santo ganhou Isabelita Ruiz e Tina Jarque. A nova peça de Luiz Peixoto e Marques Porto está ahi está nos centenarios.

Virá de Londres uma nova forma do burlesco no theatro?

Sir Nigel Playfair teve a idéa de organizar no "Lyric Hammersmith" um espectaculo que é uma verdadeira festa do "humour".

A primeira peça apresentada é "The Critic", de Sheridan.

Não se trata de uma novidade, mas a interpretação accentúa de modo esfusiante os caracteristicos do theatro inglez, de modo que se verifica a todo instante que a satyra brilhante de Sheridan continúa cheia de actualidade.

As personagens de Sir Tretful Plagiary, Don Ferolo Whiskerandos (ambos interpretados por D. A. Clark Smith), Puff (James Dale), signor Pasticcio Ritornelli (Scott Russell) e Tilburina (Marie Ney) são especialmente interpretados com trio irresistivel.

A grande novidade, porém, deste espectaculo, é a peça de M. A. P. Herbert, "Deux Gentlemen du Soho". E' uma troça muito bem feita da famosa tentativa de representar Shakespeare com vestuarios modernos.

Imaginem os frequentadores de um club nocturno, gente de hoje, inteiramente, no movimento ultra- moderno, exprimindo-se no estylo do tempo da Rainha Elisabeth, com as melhores metaphoras da época, o mesmo, por exemplo, que se parisienses farristas falassem a lingua de Ronsard.

Dahi resulta uma nova fórma do burlesco, extremamente engraçada.

O contraste entre as duas épocas, o anachronismo constante, o facto da grandiloquencia de outr'ora não se adaptar á vida moderna, principalmente no papel do detective disfarçado, Plum (Scott Russell), tudo isso compõe uma parodia deliciosa, onde mais de um actor estrangeiro poderá se inspirar, afim de obter effeitos de um comico inesperado.

Sir Nigel Playfair, a quem se deve assim mais uma iniciativa notavel, diz os prologos das duas peças, com uma arte consumada em variar a sua maneira, tendo obtido um successo muito merecido

CORNELIA OTIS SKIMER
Diseuse...

Depois de diversos annos de theatro, Cornelia Otis Skinner, abandonou a carreira de seus paes, Otis Skinner e Maud Durbin, para se tornar uma recitalista, creando numa noite doze personagens differentes, em vez de um só.

Como Ruth Draper, ella mesma escreve seus "sketches" que são de concepção elevada; faz, porém, mais successo na comedia ligeira e no genero terno.

Os americanos, fóra de sua patria, constituem, para Cornelia, uma mina de ironia, sem maldade, entretanto. Creou um typo de Americana, joven estreante ás voltas com as difficuldades da lingua Franceza e os mysterios do telephone na França; um outro, a moça que destôa barbaramente na Capella Sixtina, por mostrar demais a sua origem meridional, e o outro ainda, a mulher de meia-idade, conversando com o marido, toda sentimental, numa gondola. Miss Skinner deixou "Bryn Maur" para estudar theatro em Paris. Deu uma série de espectaculos nocturnos aos domingos, em Nova York e este verão vae representar em Londres, no "St. James's Theatre"

FELICIDADE

COMEDIA EM 3 ACTOS

DE BRASIL GERSON

(CONTINUAÇÃO)

Tobias. — Com esse bigode guarda-livros?

Evaristo. — O bigode não tem importancia.

D. Isabel. — Só se o senhor cortar o bigode, seu Evaristo!

Tobias. — Dona Isabel tem razão. Corte o bigode, seu Evaristo...

Evaristo. — Coitado do meu bigode... (Passa a mão no bigode com carinho) Meu companheiro inseparavel em 30 annos de uma vida tão sôzinha... Eu e elle... As quatro paredes de um quarto pequenino... E mais ninguem no mundo... Eu apenas para fazer-lhe caricias... Mas se o destino quer... Se é para a minha felicidade... (Resignando-se) Dona Isabel, corte o meu bigode!...

D. Isabel. — (Que tem uma tesoura na mão) Sente-se aqui... (Evaristo senta-se).

Tobias e Bernardo. — (Com a melodia da "Vechia Zimarra") Velho bigode... meu querido... meu velho bigode...

CAHE O PANNO

Fim do Primeiro Acto.

Acto Segundo

(Hall de hotel de luxo, á meia noite. Combinação de luzes fracas. Duas poltronas. Uma especie de balcão com um telephone em cima. Por traz do balcão ficará o porteiro, dentro de uma farda bonita. Esse porteiro tem o vicio de beber. Mas mantém, na acção da bebida, uma grande austeridade de gesto. De vez em quando, nos momentos opportunos, tira de um esconderijo uma garrafa e bebe um gole).

SCENA I

EVARISTO E O PORTEIRO

(Ouve-se fóra o rumor de um auto que parou. Depois entra Evaristo. Outro homem. De casaca).

O porteiro. — (Vendo-o) Bôa noite, Doutor. Que numero?

Evaristo. — 328.

O porteiro. — (Entregando-lhe a chave) Bôa noite, Doutor...

Evaristo. — Bôa noite... (Vae sahindo. Depois volta) Você é um homem de bôas intenções?

O porteiro. — Muito bôas!

Evaristo. — Então vou lhe fazer uma confidencia.

O porteiro. — Eu sou o confidente mais conhecido do hotel, Doutor.

Evaristo. — Eu preciso amar... E' difficil?

O porteiro. — Muito facil, Doutor. Uma cousa que todo o mundo faz...

Evaristo. — Aqui?

O porteiro. — Aqui, tambem...

Evaristo. — Todas as mulheres daqui amam?

O porteiro. — Todas...

Evaristo. — Você não acha que agora eu posso fazer umas declarações? E' meia noite. Ha por aqui pouca gente... Eu sou meio timido...

O porteiro. — A's vezes, a timidez é uma virtude, Doutor... Ha mulheres que gostam de tudo...

Evaristo. — Eu pensava que ellas só gostassem dos piratas...

O porteiro. — Algumas gostam. As novas, por exemplo. As muito sabidas gostam mais de experimentar os ingenuos. Fique na ingenuidade, Doutor. E' uma bôa arma.

Evaristo. — Eu gostaria mais de ser pirata. De bancar o Don Juan. Vi numa fita. Gostei muito.

O porteiro. — Podemos fazer uma experiencia. Quando apparecer a primeira, o Doutor banca o Don Juan...

Evaristo. — E se ella gostar?

O porteiro. — O Doutor será um homem feliz...

Evaristo. — Você sabe que eu sou um homem infeliz? Eu nunca fiz uma conquista...

O porteiro. — Nunca?

Evaristo. — Nunca.

O porteiro. — Não sabe o que é o amor?...

Evaristo. — O amor que eu conheci não teve belleza nem emoção... Cinco minutos de Venus. Um anno de Mercurio... E depois, nunca mais... Uma vida vazia...

O porteiro. — Temos que enchel-a, Doutor.

Evaristo. — De que?

O porteiro. — De amor... de felicidade...

Evaristo. — E se eu encabular na hora? Eu sou muito timido...

O porteiro. — Eu compareço com a minha energia... (Ouve-se outro rumor de auto que chega) Ahi vem uma...

Sente-se ali, naquella poltrona.

Evaristo. — (Confuso) Como é que eu faço? Don Juan? (Senta-se).

O porteiro. — Don Juan!...

SCENA II

OS MESMOS E LOLITA.

Lolita. — (Uma mulher de luxo, de olhares complicados, com attitude de mulher fatal.) Bon soir... Ninguem me telephonou?

O porteiro. — Ninguem, Madame.

Lolita. — (Fita Evaristo e pergunta ao porteiro) Quem é?

O porteiro. — (A' Lolita, a meia voz) Tem dinheiro...

Lolita. — Quanto?

O porteiro. — Uma tonelada...

Lolita. — (Dirige um olhar provocador a Evaristo. Elle tenta um cumprimento amavel... E o porteiro chama-o com o dedo, piscando o olho... Evaristo vem, timido... Lolita afasta-se para o lado com os seus olhos enormes.)

O porteiro. — Esta... avance...

Evaristo. — Como se chama?...

O porteiro. — Lolita...

Evaristo. — Hespanhola?

O porteiro. — Veiu da Hespanha muito creança...

Evaristo. — E o que mais?

O porteiro. — Casada...

Evaristo. — E o marido?

O porteiro. — Em Santos...

Evaristo. — Meu Deus... O que é que eu digo a ella?

O porteiro. — Faça de conta que é Don Juan... Diga coisas lindas... saborosas... E' uma mulher que não cahe assim...

Evaristo. — Se eu fracassar, você me ajuda?

O porteiro. — Entre com confiança... Seja homem...

Evaristo. — (Approximando-se de Lolita) Madame...

Lolita. — Deseja alguma coisa?

Evaristo. — Muita coisa!...

Lolita. — Eu sou uma mulher honesta!

Evaristo. — Eu seria incapaz de falar com uma mulher que não fosse honesta...

Lolita. — Diga então o que deseja de mim...

Evaristo. — (Com ares galantes) Render uma pallida homenagem á sua belleza...

Lolita. — E' tão gentil...

Evaristo. — Não é gentileza... é dever...

Lolita. — O Doutor não tem o dever de elogiar-me...

Evaristo. — O dever de todos os homens elegantes é render homenagens ás mulheres bonitas...

Lolita. — Mas eu não sou assim tão bonita...

Evaristo. — E o brilho estranho dos seus olhos?

Lolita. — Nem tanto assim...

Evaristo. — Parecem dois holophotes de um couraçado inglez illuminando o Atlantico...

Lolita. — A imagem é bonita demais para mim...

Evaristo. — E a sua bocca?

Lolita. — Uma bocca pintada de carmim...

Evaristo. — A sua bocca deve ter o gostinho de uma pitanga... Um gostinho doce de que não é bem doce... A gente tem vontade de pedir bis antes de começar... Uma bocca appetitosa... Bocca feita para beijos enormes... do tamanho do Palacete do Martinelli.

Lolita. — Uma bocca sem importancia, que ficaria pallida com o primeiro beijo.

Evaristo. — E na nuca? Nunca lhe devarm beijo na nuca?

Lolita. — O senhor me encabula com a sua indiscreção.

Evaristo. — E os seios? Uma taça de sorvete côr de rosa com um morango bem no meio...

Lolita. — Que peccado!

Evaristo. — (Fitando as pernas de Lolita)) Duas pernas ageis, bem torneadas, bem sensuaes, valem por uma mulher inteira... Eu enfrentaria o mundo para conquistar este sorriso, que não quer ser meu... Eu sou um timido.

Lolita. — Depois do que me disse? Meu Deus! como não será um homem atrevido?

Evaristo. — Se eu fosse um homem atrevido, faria outras coisas mais graves.

Lolita. — Faça! Não vê que tem coragem.

Evaristo. — (Dá-lhe de improviso, um beijo na nuca).

O porteiro. — (Num gesto de assombro, mette a garrafa na bocca).

Evaristo. — Gostou?

Lolita. — O senhor manchou a minha honra!

Evaristo. — A primeira mulher que poz a honra no pescoço...

ANITA LOOS
por
William Grimm

O porteiro. — (Bebe outro gole) A' saude, Doutor!

Lolita. — Mas com que pirata eu me metti! (Toma uma attitude de raiva. Caminha como quem quer sahir) Sem vergonha... (Depois retrocede) Vamos com mais um pouco de calma... Lembre-se de que eu sou uma mulher honesta...

Evaristo. — Eu seria incapaz, minha senhora, de render homenagem a uma mulher deshonesta...

Lolita. — Assim está melhor... Sente-se aqui... Vamos falar de outra maneira...

Evaristo. — Falemos então de amor...

Lolita. — O amor... Quantas vezes o senhor já amou?

Evaristo. — Eu dediquei a minha vida toda ao amor. Sou um escravo de paixões sensacionaes. Duas mil mulheres já passaram pela minha vida!

O porteiro. — (Bebe outro gole).

Lolita. — Duas mil mulheres? Então o senhor foi um Pachá?

Evaristo. — Fui tyranno e martyr de corações femininos. Soffri e fiz soffrer. Se sou hoje um homem feliz, devo ao amor essa felicidade. Assim como ninguem soube e como ninguem poude amar ainda na vida!

Lolita. — Provocou suicidios, tragedias, mortes mysteriosas? Teve o retrato nos jornaes com esta legenda: — "O homem que perturbou o coração ingenuo da suicida"?

Evaristo. — Se tive! Uma porção de vezes!

Lolita. — Conte-me então, uma das suas paixões. Eu sou louca pelos homens fataes! O senhor, tambem, não é louco pelas mulheres fataes?

Evaristo. — São a minha especialidade.

Lolita. — Conte, conte! Eu quero saber como foi...

Evaristo. — Esta foi em Monte Carlo. Eu tinha ido a Madrid, receber a sorte grande da loteria de Hespanha. Passei dois mezes no "Hotel de Paris". A estação estava muito animada. Na sala de jantar, perto da minha mesa, sentava-se uma mulher de uma belleza integral. Andava sempre de preto. Não sorria. Não falava com ninguem. Era uma sensação. O hotel inteiro não tirava os olhos della. E os olhos della não prestavam a menor attenção ao hotel. Eu fiquei doido de amor por essa mulher estranha. Mettia os meus olhos dentro dos olhos della. Insistia. Insistia. Parecia um doido. E ella não sahia da sua indifferença.

Lolita. — E depois?

Evaristo. — Morava no mesmo andar. Dois quartos antes do meu. Nesta noite, o porteiro me disse: "Vae embora amanhã..." Tudo perdido... Fui jogar, para esquecer. Perdi milhões. Fui para o hotel ás duas horas da manhã. Deante do seu quarto o meu coração bateu com força. E se eu entrasse...

Lolita. — Entrou?

Evaristo. — muito, muito mais grave! A porta abriu-se! E uns braços brancos puxaram-me para dentro! Foi uma loucura! (Bebe) Separamo-nos ás dez... Não disse como se chamava nem para onde ia. Disse apenas que me amava...

Lolita. — Nunca mais a viu?

Evaristo. — Nunca mais

O porteiro. — (Bebe outro gole).

Lolita. — E' uma aventura que deixa saudade...

Evaristo. — Ha outra que deixa remorso...

Lolita. — Uma tragedia?

Evaristo. — Um suicidio... Foi a primeira amante que eu tive. Era louca por joias. Jogava muito, tambem. Mas eu tinha uma paixão louca por ella e ella por mim. Nesse tempo eu não tinha ainda muito dinheiro.

Lolita. — Ella gastava tudo?

Evaristo. — Em joias e no jogo. (Com emoção) Em Londres... No Carlton... Eu estava arruinado. Havia uma unica solução... O suicidio... Resolvi afogar-me no Tamisa. Escrevi-lhe um bilhete — "A minha vida é um caso perdido. Sigo para a morte. A causa está em você. Olhe um instante para o espelho..." Olhou. A sua cabeça, e o seu collo eram uma joalheria. Tirou todas as joias. Pisou-as. E deu um tiro no coração...

Lolita. — E você, como é que está aqui? Você não se suicidou?

Evaristo. — Nessa noite, o Tamisa estava muito secco...

Lolita. — (Emocionada) Você tem um coração de pedra...

Evaristo. — (Aproveitando essa emoção) Você nunca amou um homem com coração de pedra?

Lolita. — Tenho medo...

Evaristo. — Experimente... O meu está ás suas ordens.

Lolita. — (Meio vencida) Não... tenho medo.

SCENA III

OS MESMOS E UM HOMEM MOÇO.

O homem moço. — (Entra e olha para os dois com um espanto especial).

Lolita. — (A Evaristo) Meu marido...

Evaristo. — E agora? Elle está armado?

O homem. — (Approxima-se) Quem é este cavalheiro?

Evaristo. — (Com confusão), apresentando-se) Evaristo, um seu creado...

O homem. — E' teu amante?

Lolita. — Meu amante... Você está doido... E' um cavalheiro amavel... Prestou-me um grande serviço.

Evaristo. — Muito importante!...

O homem. — Explique-se! (Põe a mão no bolso de traz da calça).

Evaristo. — O senhor vae matar-me?

O homem. — Conforme.

O porteiro. — (Intervindo) Doutor, não faça isso! Não houve nada de mal! Eu sou um homem timido!

O homem. — Conte o que houve!

O porteiro. — Este senhor estava conversando commigo, quando chegou a sua senhora. Ella me perguntou se eu não podia dar-lhe uma explicação sobre a broca do café. Então, eu lhe apresentei o senhor Evaristo, que é um fazendeiro, um homem sério. Não é verdade, Dona Lolita?

Lolita. — E' verdade.

Evaristo. — Como o senhor vê, eu não tinha más intenções. Eu não tenho culpa de entender de broca do café...

O homem. — (Guardando o revolver) Amanhã veremos se o Dr. entende de broca do café... Por hoje a explicação me satisfaz. Muito bôa noite!

Evaristo. — Bôa noite...

Lolita. — Bôa noite, senhor Evaristo. Muito obrigada...

Evaristo. — Não ha de que...

Lolita. — (Ao desapparecer, vira para Evaristo os seus olhos enormes e joga-lhe um beijo. Evaristo, tremulo, faz-lhe um gesto de profunda censura).

SCENA IV

O PORTEIRO E EVARISTO

O porteiro. — O senhor está feito, senhor Evaristo! Meus parabens!

Evaristo. — Mulher casada? Don Juan? Nunca mais! Vou mudar de tactica.

O porteiro. — Eu vou dar um geito...

Evaristo. — Foi o destino que não quiz. Muitas vezes, o destino chama-se marido...

O porteiro. — Este parece que é camarada. Tem umas acções de petroleo para vender...

Evaristo. — E se eu comprar umas acções?

O porteiro. — Póde ser que elle permitta umas palestras aqui no "hall", com a minha fiscalização.

Evaristo. — Só no "ahl"?

O porteiro. — Naturalmente...

Evaristo. — Não me interessa... Eu quero um amor com mais aventura.

O portiro. — Esperemos que chegue uma outra...

Evaristo. — E eu tenho que bancar outra vez Don Juan?

O porteiro. — Póde-se arranjar uma outra attitude. Romantica, por exemplo.

Evaristo. — Paliavras doces?...

O porteiro. — Isso mesmo.

Evaristo. — Poesia... Canções... (Canta) "Hontem ao luar — conversação"...

O porteiro. — Tango argentino...

Evaristo. — Tango eu não sei...

O porteiro. — Eu assobio... O senhor canta... (Tira do bolso um papel) Tem aqui uma letra. Quando eu assobiar o senhor entra com... o jogo...

Evaristo. — Cantando?

O porteiro. — E' logico.

Evaristo. — Aqui? de pé?

O porteiro. — Naquella poltrona, sentimentalmente...

Evaristo. — E' outra coisa... Ella entra... vê... escuta... commove-se... e eu entro com o jogo...

O porteiro. — Isso mesmo!

Evaristo. — Vamos esperal-a... (Senta-se... Accende um cigarro. Lê o que lhe deu o porteiro).

SCENA V

ELVIRA E OS MESMOS

Elvira. — (Uma mulher de olhos humidos) Bôa noite Jacob... Ninguem me telephonou?

(Continúa no proximo numero)

MEDUSA
por
Marie Laurencin

ESTÃO effectuados alguns e muito bem encaminhados outros, os trabalhos de Chana Orloff. Ella creou, com estylo todo seu, num periodo, quando o importante era tender para a esculptura successora dos archaismos de Bourdelle ou da objectividade classica de Maillol.

Seu estylo resolve, reciprocamente, dentro do descobrimento do vocabulario plastico contemporaneo, a materia sujeita. Chana Orloff é uma das poucas esculptoras que têm sido habil em tratar typos modernos, em aproveitar a nova plasticidade do que é fatuamente realista ou superficialmente chic.

Nasceu na Ukrania, em 1888; chegando em Paris em 1910, afim de estudar decorações na École des Artes Décoratifs.

Curioso, no moderno ponto de vista de esculptura, é a origem muito por dentro estabelecida na tradição russa.

Uma fantasia exotica e certo sacerdotal formalismo escutou, recuando para traz a candidez que o artista russo privou inteiramente em suas primeiras expansões creadoras.

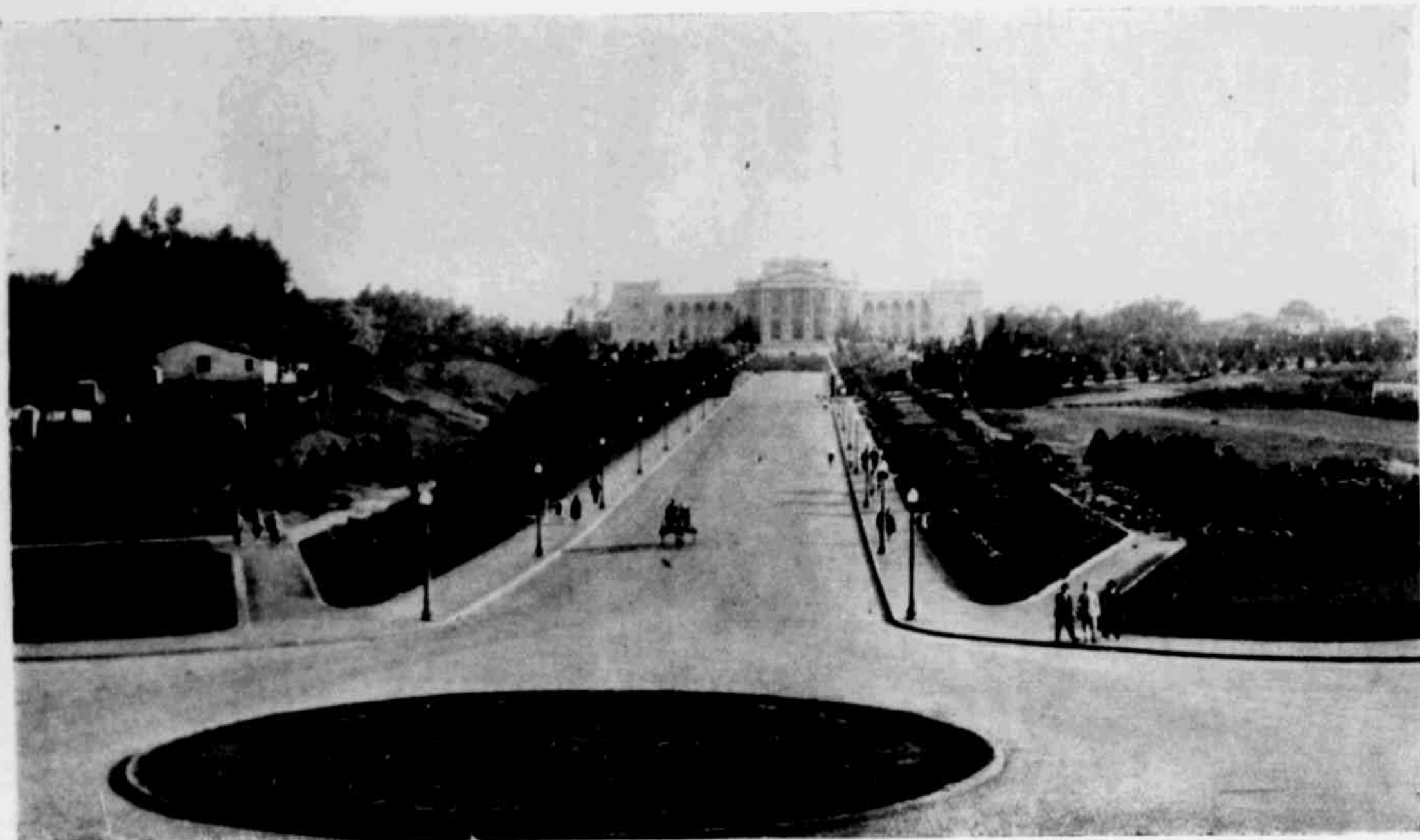
Desde sua primeira exposição, no "Salon D'Outomne", em 1913, Chana Orloff identificou-se perfeitamente com o moderno movimento na França.

Sua recente exposição na "Weyhe Galleries", foi a primeira em que ella expoz só na America.

CHANA ORLOFF

NO CLUB CENTRAL, EM NICTHEROY

As Bodas de Prata do casal Augusto Henrique Corrêa

de Sá — Helena do Amaral Corrêa de Sá reuniram toda a alta sociedade da cidade vizinha numa festa cordialissima.

Museu do Ypiranga, em São Paulo

Da terra da garôa

Não deixa de ser curioso saber-se, ao certo, a quantas andamos. As estatisticas organizadas com a preoccupação do detalhe deveriam interessar os governos, quasi tanto como a boa arrecadação dos impostos... A estatistica, hoje em dia, parece-me indispensavel e os resultados a que chega mereceriam maior divulgação, já apresentados, em conjunto, como os apuram as repartições competentes, já servindo de assumpto para chronicas e artigos de revistas e de jornaes.

Aposto que se eu perguntar aos leitores do "Para todos..." se elles desejam saber, com segurança, quantas casas o Rio construiu no anno que findou — todos elles responderiam affirmativamente e talvez até gostassem de saber mais um pouco, indagando se em 1929 levantaram-se mais edificios do que em 28, a que se destinavam elles, e tanta outra coisa ainda. Confesso, no entanto, que por falta de elementos não me seria possivel satisfazer a curiosidade do publico, quanto ao Rio de Janeiro. Já quanto a São Paulo, o mesmo não direi. Muitas vezes nestes pedaços de prosa tenho-me referido com certo enthusiasmo ao desenvolvimento paulista, ao crescimento desta cidade, tão rica em mulheres bonitas que a gente só vê de vez em quando nas casas de chá do "Triangulo", nas noites de assignatura do Municipal, ou através o crystal das "limousines" fujonas que passam pela Avenida Carlos de Campos, nas tardes de côrso... São Paulo se continuar na marcha em que vae, dentro em breve rivalisará com Nova York, não digo na altura dos arranha-céos, mas na quantidade das construcções altas. Quantas casas se edificaram na terra da garôa em 1928 ? Querem saber ? Seis mil oitocentas e sessenta e sete ! 6867 ! Apenas ! Vale isso por dizer que se faziam dezenove predios por dia. Em 1929 o numero de construções manteve-se bem alto ainda, pois attingiu elle a cinco mil seiscentos e dezoito. Ora, uma capital em que surgem, em dois annos, quasi doze mil e quinhentas casas, é, de certo, uma cidade em extraordinario desenvolvimento. Nella se poderia passar o que se passou em Madrid com o hespanhol da anecdota que varias vezes contrariado e ferido em seu bairrismo pelo yankee a quem servia de "cicerone", deixou-o "enfoucé" quando, ao passar por um bello e grande immovel, a uma pergunta do americano, respondeu calmamente: "Homem, este, com franqueza, eu não sei a que fim se destina. Ainda hontem, á tarde, por aqui passei e nada havia, nem mesmo os alicerces". E, sereno, accrescentou: "E' verdade que em Madrid se constróe com certa rapidez..."

Os paulistas têm, de facto, razão para se orgulharem. Só quem vive um pouco entre elles póde avaliar do seu espirito de iniciativa e dos seus emprehendimentos. Os estabelecimentos de diversões são magnificos. Não ha muito tempo o senhor Martinelli dotou a cidade de um cinema admiravel e luxuosissimo. Em 1929 construiram-se cinco grandes theatros, que servem á arte muda. Ha cerca de seiscentas garages inteiramente novas, e modelares. Não se devem esquecer tãopouco as reformas e as ampliações em predios já existentes, as quaes attingiram no ultimo biennio a um total impressionante de dezoito mil oitocentos e noventa e uma.

Parece que Aladin anda por estas ruas com a sua lampada milagrosa a operar transformações com uma rapidez estimulante e quasi inverosimil. Tambem, a população cresce extraordinariamente, o formigueiro humano augmenta todos os dias, o numero de vehiculos particulares multiplica-se. Se o pombal não augmentasse, como se haveria de alojar todo esse mundo de gente que aporta de todos os cantos do globo ? Seria, na verdade, um horror ! Uma calamidade ! Felizmente, no entanto, não ha, por aqui, a chamada crise das habitações. E uma lei de inquilinato, absolutamente não faz falta. Mora-se bem e relativamente barato. As casas de appartamento facilitaram bastante a accommodação da população sempre crescente de São Paulo. E a prova é que ha milhares de casas vasias, espalhadas pelos bairros mais pittorescos da cidade...

E' possivel que, diante disso, a febre de construcções diminua de intensidade. Aliás, já nos ultimos mezes do anno passado, comparadamente aos de 1928, houve uma sensivel diminuição no emprehendimento de novas obras.

O certo é que o paulista tem muita preoccupação do conforto interno. O interior dos palacetes de Hygienopolis, do Jardim America, da Avenida Paulista, da Acclimação impressionam muito agradavelmente e dão uma idéa exacta do cuidado que merece do paulista civilizado e rico o ambiente em que vive. O clima, de resto, favorece bastante o aproveitamento do bom gosto e do senso esthetico. As casas de aluguel não ficam atraz. Os appartamentos têm qualquer coisa de europeu. De maneira que quando chove e faz frio e a gente não vae á rua, tem-se uma leve impressão de que se está em Paris... Reconstituem-se, pelo menos, na imaginação scenas que deixaram saudades na alma de quem teve a ventura de correr o Velho Mundo... — SALVADOR ROBERTO.

Ciranda, cirandinha

De posto em posto

Ciranda desta Vida...
Men'na, vamos todos cirandar.
Não, neste fôrno aberto da Avenida,
que, hoje, uma só ciranda nos convida,
— a do banho de mar.
E' só tomar um "taxi" e ir, de corrida,
através da Avenida,
que o posto VI está, lá longe, a nos chamar...
Você muda de roupa
(Nem reparei, você quasi não está vest'da.)
Muda de roupa ou vae com a mesma roupa,
e o mais é sôpa
— cahir nas ondas e refrigerar...

Hontem, no posto II, não vi você,
Nem no III, nem no IV.
E já estava bem farto
de procural-a, quando a Sylvia e a Haydée
disseram que você
estava com o Solinger e o Scadarto
(que dupla! o americano
e o italiano!)
e eu, minha garça de olhos de pervinca,
logo pensei — que trinca!
E tive ciumes sem saber porque...

Depois, no posto VI, esqueci tudo.
O mar tinha caricias de velludo,
e a praia, nos seus trefegos meneios,
mostrava as pernas e escondia os seios
tal qual as moças que se vão banhar...

E, agora, neste fôrno da Avenida,
com este verão canicular
— Ciranda desta Vida! —
Menina, vamos todos cirandar,
vamos correr, com os braços, a corrida
da natação, vamos correr no mar.

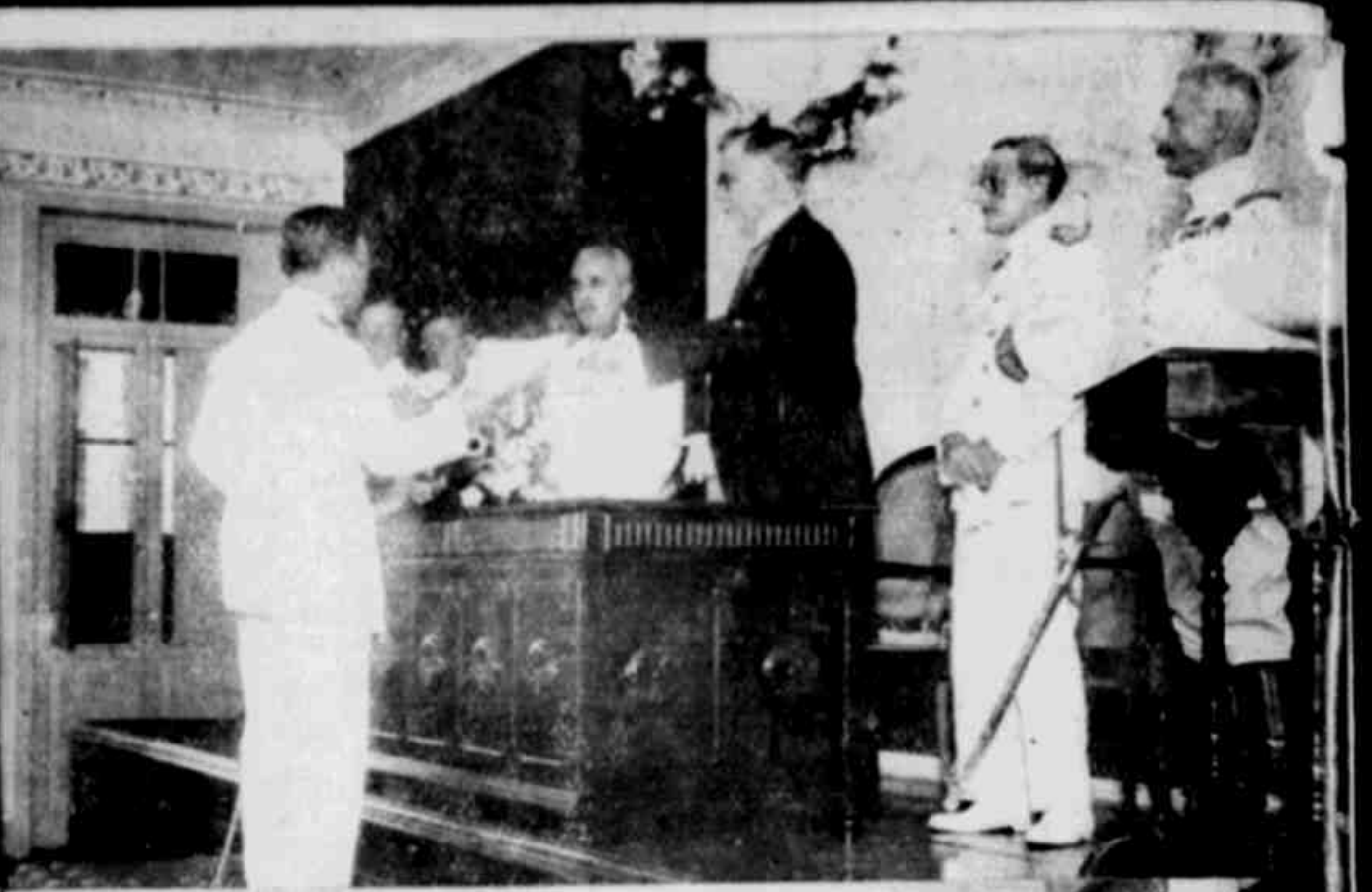
A Maud já vem do banho. Elegantissima!
A Dorinha é uma tánagra-sereia.
E aquella belga, que atravessa a rua,
parece feia,
mas não é feia assim, vae quasi núa
em sua fealdade,
e, feia e núa, é Sua Majestade,
e Sua Majestade desnudissima.

Corro o olhar ao passeio:
toda a cidade veiu
ver os banhos de mar.
Sinão toda a cidade, a gente chic
desce da sua "Chrysler", do seu "Buick",
e vem aprec'ar,
e vem espairecer,
uns vêm só para ver,
outros apenas para se mostrar.

Despida, na Avenida
ou no banho vestida,
a questão é saber dissimular...
— Ciranda desta Vida!
Menina, vamos todos cirandar.

Braz Garotinho

O esculptor Umberto Cozzi modelando a cabeça do poeta Francesco Pastonchi, no seu atelier da praia da Lapa. Olegario Marianno conseguiu ficar quiéto durante uma hora, assistindo.

Senhor Pedro Vicente do Couto, vice-consul do Brasil em Kobe e seus alumnos de portuguez, do 3° anno da Universidade Commercial daquella cidade do Japão.

Collação de grão no Collegio Pedro II — Entrega de diplomas pelo Presidente da Republica aos novos officiaes — Exposição de trabalhos das alumnas do Collegio Emulação — Baile do Syndicato Medico — Encerramento de aulas do Collegio Resende — Homenagem ao Prof. Irineu Etalagueta — Festa no Asylo São Cornelio.

GENTE QUE A GENTE NÃO VIU...

CONDESSA MARGITT BETHLEN

Esposa do Primeiro Ministro da Hungria, é uma das mais fascinantes figuras da literatura theatral européa. Suas peças têm sido levadas com grande successo na Italia, Allemanha, na Tcheco-Slovaquia.

GEORGE GERSHWIN

Musico americano, autor de notavel „Concerto in Fá". Apezar de classico, tem escripto musicas populares cheias de encantamento. Baseado no „Dybbuk", está fazendo uma opera para o „Metropolitan" de New York.

JAMES JOYCE

O maior escriptor que a lingua ingleza tem. Nasceu em Dublin. Escreveu: „Musica de Camera", trinta e seis poemas de menos de uma pagina; „Gente de Dublin", novellas; „Retrato do artista na sua juventude"; „Ulysses", o seu livro mais famoso. E está concluindo o trabalho definitivo, afastado da face do mundo, longe da gravitação universal, noutro idioma, sem regras e sem tradições, vivo, estonteante.

CELEBRIDADES UNIVERSAES

Carl Milles, o melhor discipulo de Rodin. Suas creações artisticas ornamentam innumeras cidades da Europa. Interessante paysagista. Philantropo, planeja deixar aos moços artistas e pobres a linda vivenda que possue na Suecia. Está agora nos Estados Unidos, trabalhando num monumento destinado á cidade de Chicago.

CARL MILLES

MAS QUE ADMIRA E QUER BEM

ACTRIZ SYLVIA SYDNEY

Uma das primeiras do grande grupo de jovens artistas que abandonaram o theatro por Hollywood. E' provavel que o cinema a retenha, pois ninguem mais do que Sylvia Sidney é theatral: na comedia, e na tragedia.

IVAN PETROVICH PAVLOV

Ivan Petrovich Pavlov é o maior physiologista vivo; seu livro "Discursos sobre Reflexos condicionaes" é de indiscutivel valor. Recentemente recusou uma celebração official sovietica no dia de seu anniversario.

De Elegancia

DEIXA-TE de preguiça Vem O dia esta lindo Faz calor é verdade, mas ha tanto sol tanta luz, céo tão azul que seria peccado ficar em casa Vou vestir me Prompta talvez te animes, e, em vez de me acompanhares por acompanhar, ficarás contente de me vêr elegante Esboças um sorriso? Vejo que a minha tagarelice serve para alguma cousa E rapidamente, surjo a teus olhos num "chic" parisiense, sapatos de pelica branca com viezes de couro amarello meias café com leite como a saia de kasha Ainda não me viste assim, de saia e blusa, a cintura presa, bem marcada por um cinto de camurça havana Silhueta moderna Na blusa chammagne o monogramma preto, vermelho e azul A' cabeça o panamá Não é que me ia esquecendo do lenço com as tonalidades do monogramma da blusa? Onde o puz, santo Deus? Na gaveta da pênteadeira ... Não Na do armario ... 'a do centro E essa! Que cabeça! Na caixa de chapéos! Se isso é logar de lenços Só mesmo eu me lembraria dessa novidade O vaporisador Perfumo-me, retoco os labios Não gostas de muito "rouge" Disfarço apenas a palidez Prompta Que atrazo? Não vaes? Porque não me disseste antes? Nem me teria vestido Ficaria com o meu pyjama japonez, aquelle de seda que tanto querias. Sim, porque já lhe não ligas importancia alguma . Pouco importa Ligo-lha eu Talvez mais tarde decidas um passeiosinho Pensando bem, tens razão muita razão Está quente Iriamos estragar a vista com a claridade excessiva e talvez te viesse a enxaqueca Não gostaste? Melhor Gostarás logo á tarde de me vêr num vestido de musselina estampada de azul, lacre e laranja e aquelle finissimo feltro atrevidamente levantado na testa. Resmungaste? Fala mais alto... Anda Não vale a pena dizer as coisas entre dentes Não sahirás de casa? E por que? Longe da velhice "ainda" estás "Ainda", repito Vou sahir mesmo, entendes? Quer queiras quer não vou para a rua Não vens commigo, nem quero ficar comtigo Dois vestidos novos. Para que os fiz! Sabes que mais? Saio mesmo Nem que seja até a esquina á beira do cáes Oh! que bella idéa Num omni-

bus até a cidade Quarenta minutos só O tempo necessario para que traga algumas flóres que te alegrem a misantropia O tempo para que o meu "ensemble" não saia fóra da moda

Os figurinos de hoje: tres chapéos da Casa Leblon; um vestido de "georgette" vermelho, saia muito em forma "plastron" e punhos brancos; vestido de crepe da China verde guarnecido de veludo incrustado do mesmo tom; vestido de "moire" estampado de azul, amarello, vermelho e branco; gola e punhos com babados plissados· vestido para a noite, de crêpe da China azul enfeitado de renda; "ensemble de drap azul marinho; costume de veludo preto e blusa de crêpe branco; vestido de crêpe lacre trabalhado em prégas; vestido de crêpe preto e góla de renda.

Secção de agulha: Miniatura do jardim de "Madame Chrysanthème", para bordar roupa branca e roupa de creanças. Linha brilhante e côres combinando com a tonalidade da fazenda.

"Para todos..." começa, hoje, a publicar bellissimos figurinos para as festas do Carnaval. E os numeros subsequentes e até que chegue o primeiro dos quatro dias dos grandes folguedos o texto desta revista será enriquecido por fantazias do mais fino gosto e para mais requintada exigencia

SORCIÈRE

O Salão d' Holbach

Alphonse Séché et Jules Bertaut

SE Diderot foi o verdadeiro chefe dos encyclopedistas, e o dirigente de suas obras, póde se dizer que sua praça forte, o logar onde elles se reuniam mais á vontade e, onde mais se isolavam para melhor afiar ás suas armas, e aprompt.r os meios de defesa e ataque, era o salão do barão d'Holbach.

"E' lá que verdadeiramente, exclama Diderot, se fala de historia, politica, finanças, bellas-artes, philosophia." — "E' preciso dizer, escreve o excellente Morellet, que Diderot, e o generoso barão estabeleceram dogmaticamente o atheismo o — do Systema da Natureza, — e dizem cousas capazes de fazer cahir, cem vezes o raio sobre a casa, se elle cahisse por esse motivo".

E' ainda o mesmo Morellet que, querendo em algumas linhas mais longas, relatar exactamente o aspecto desse salão, cujos hospedes faziam barulho no mundo inteiro, continúa:

"Uma grosa de bom vinho, excellente café, muitas discussões sem jamais chegar a disputas, maneiras delicadas como as de costume, em homens razoaveis e instruidos, sem degenerar em grosserias, uma sociedade verdadeiramente captivante o que, aliás poderia reconhecer-se a esse unico symptoma: Chegados ás duas horas, como era de uso nesse tempo, todos nós lá ficavamos até ás sete ou oito horas da noite.

A figura do barão d'Holbach, era uma das mais curiosas do seculo XVIII, tão opulento aliás em outras semelhantes. Esse nobre allemão, generoso; placido, e excellente amphitrião, era sobretudo um éco, mas um éco admiravelmente fiel das conversações philosophicas, que se esboçavam ao redor de sua mesa, dos systema de moral e de politica, que seus convivas discutiam entre a pera e o queijo.

Dotado de prodigiosa memoria e de admiravel bibliotheca, parecia ter lido tudo, possuir tudo, conservado tudo. As más linguas pretendem que elle guardou sómente aquillo que não merecia ser guardado, mas facto é, que era o typo perfeito do encyclopedista.

Diderot dizia muitas vezes: "Qualquer systema que a minha imaginação forje, estou certo que o meu amigo d'Holbach encontrará factos e autoridades que o justifique.

O barão d'Holbach tinha duas manias: odiava a Deus de um odio todo pessoal, e procurava justifical-o nos males da historia dos povos, e accusava á Providencia como unica responsavel. Emfim adorava fazer bem, sobretudo aos artistas, lettrados, e philosophos, pessoas a quem sempre faltava dinheiro, e a quem o generoso barão enchia os bolsos entre duas recepções.

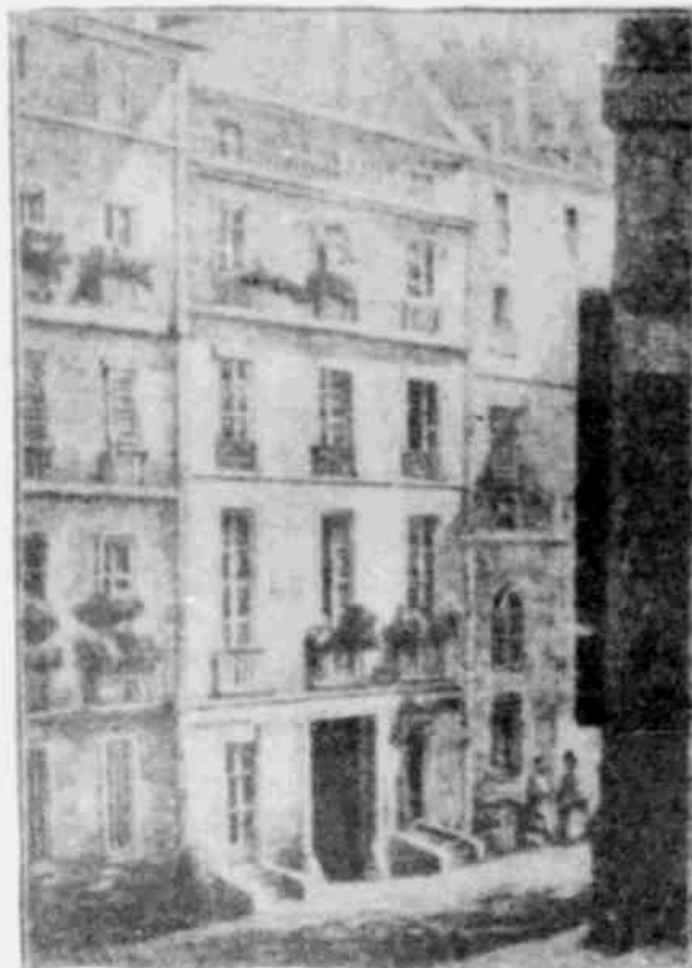
Sobre o seu atheismo o barão era inexgotavel. A questão Deus o preoccupava dia e noite. Apenas levantava-se, corria á sua secretária e rabiscava algus dos seus pequenos manuaes que eram de uma aspereza de espirito revoltante. Goethe achava-os tão descarnados, que a primeira vez que os folheou, disse exalarem "Cheiro de cadaver". Demais, esse atheismo intransigente duplicava-se em um senso de libertinagem muito vivo, o que fazia uma picante mistura.

No salão d'Holbach, cultivava-se o gracejo pesado, e não se manifestava nenhuma repugnancia pelo colloquio impudico, sobretudo quando as anecdotas licenciosas, tinham por objectivo ridicularisar "essa machina que só serve para atrapalhar as questões, e que chamam Deus".

Por uma sorte de hypnotismo muito curioso, nessa assembléa de livres pensadores, onde o nome da divindade fazia desencadear uma tempestade de imprecações, e onde riam francamente de tudo que dissesse respeito a religião, a palavra Deus, vinha como uma exclamação imperiosa em todas as conversações, e em meio de todos os debates.

Era renegado vinte vezes por dia, e não se sabe como, só delle se falava. Entre mil anecdotas relativas a esse assumpto — sempre da actualidade em casa d'Holbach — eis aqui uma que nos conta Morellet e foi um dos episodios dessa guerra sem treguas, que os encyclopedistas haviam votado a Deus e á religião.

"Conversaram, disse Morellet, uma tarde inteira sobre esse assumpto, Diderot e Roux haviam argumentado a *qui mieux mieux*, e disseram cousas muito picantes.

"O abbade Galliani, secretario da embaixada de Napolis escutou pacientemente toda essa disertação, emfim toma a palavra e diz: — Senhores, senhores philosophos, vão muito depressa. Se eu fosse papa os enviaria ao tribunal da inquisição, e se fosse rei de França os mandaria á Bastilha, porém, como tenho a felicidade de não ser nem um nem outro, voltarei a jantar aqui na proxima quinta feira e os Senhores me escutarão como tive a paciencia de ouvil-os. "Muito bem, meu caro abbade disseram todos, e os nossos atheus os primeiros — até quinta-feira.

A CASA DE D'HOLBACH
(De uma lithographia antiga)

Chega a quinta feira — Logo após o jantar e o café, o abbade senta-se numa poltrona, cruza as pernas, como era seu habito, e, como fizesse calor segura a peruca em uma das mãos, e, gesticulando com a outra, começa mais ao menos assim: — "Supponho Senhores, que aquelle dentre vós, que mais convencido está, que o mundo é obra do accaso, jogando com 3 dados, não direi em uma espelunca, mais na melhor casa de Paris, e o seu parceiro ganhando uma vez, duas vezes, tres vezes enfim constantemente, e fizesse um ganho de seis, por pouco que o jogo durasse, o meu amigo Diderot, que perdera assim seu dinheiro, sem hesitar um só momento diria: — "Os dados estão marcados acho-me num logar onde se rouba". Ah! philosophos! Como? Porque dez ou doze dados sahiram da cornucopia de maneira que os fizeram perder seis francos, os Senhores acreditaram firmemente, que assim foi em razão de uma habil combinação, uma manobra artificiosa, de uma velhacaria bem urdida.

Vendo, entretanto esse universo prodigioso de combinações mil e mil vezes mais difficeis, mais complicadas, mais conservadas, e mais uteis, etc. não acreditam que os dados da natureza estejam tambem marcados, e que lá em cima ha um grande velhaco que faz o jogo para os enganar? Immediatamente todo o salão d'Holbach explode em calorosa discussão, uns defendendo o abbade, outros protestante e o vilipendiando.

Em meio desse torneio oratorio em que os philosophos dispertavam com tanto enthusiasmo, Diderot mantinha bem a sua parte, é que elle era inemitavel em palavras, eloquencia e calor, no salão d'Holbach, como era enexcedivel na improvisação dos seus escriptos.

Todos os que o ouviram foram unanimes em applaudir a sua prosa exuberante em idéas, epithetos, e paradoxos, atordoantes no espirito, incrivel na ousadia.

A conversação de Diderot, diz ainda o abbade Morellet, tinha grande póder, e grande encanto, sua discussão era animada de uma perfeita bôa fé subtil sem obscuridade, variada nas suas formas, brilhante de imaginação, fecunda em idéas que despertavam a dos outros; e deixava ir assim, horas inteiras como sobre um rio suave e limpido, cujas margens fossem enriquecidas de campos e ornadas de bellas habitações.

"Experimentei pouco prazer espiritual depois delle, e do qual nunca me hei de esquecer.

Rœderer faz o seguinte retrato: "Diderot falava com extraordinario calor, e enthusiasmava pela impressão mesmo de sua voz, sua conversação tornava-se sempre em discurso.

Ouvi dizer por Suard que quando Diderot começava a falar, voltava-se na poltrona, depois debruçava-se sobre as suas bordas, um pouco depois levantava-se, para logo após tirar o bonet, conservando-o em uma das mãos, em quanto que com a outra gesticulava e acabava por collocar o bonnet sobre a mesa ou sobre a chaminé, tudo isso sem se aperceber e nem se interromper.

Essa verve, e esse talento oratorio, haviam causado grande impressão ao barão d'Holbach, como a todo o auditorio desse *causeur* sem igual.

Assim Diderot e d'Holbach, tornaram-se rapidamente intimos. Desde 1754, o philosopho, no dizer de Grimm, não passava um só dia sem jantar ou ceiar na rua Royal-Saint-Roch, onde habitava d'Holbach. Todos os domingos havia grande jantar, e as quintas-feiras reunião de todos os encyclopedistas. Era o que elles chamavam o dia da Synagoga.

Chegado o verão, d'Holbach abandonava Paris, e era então para o chateau de Grandval que o barão seguido de seus convidados transportava os seus penates.

Grandval, segundo Diderot, está situado "a duas leguas e meias de Chareton, e a mesma distancia de Gros-Bois. A aldeia (Champigney) corôa a altura em fórma de amphitheatro. Em cima o leito tortuoso do Marne separa um grupo de varias ilhas cobertas de salgueiros. Suas aguas se precipitam em cascatas por entre os pequenos intervallos, que as separam, os camponios installam ahi as suas pescarias, dando-lhe um aspecto verdadeiramente romanesco.

Saint-Maur, de um lado, no fundo Chennevières e Champigny; do outro lado, sobre o pico, o Marne e entre elle as vinhas, os bosques, e as praias.

A vivenda é deliciosa para philosophar em paz; assim Diderot, apaixona-se extremecidamente por essa abbadia de Théléme, e ahi passa os seus mais bellos dias, permanecendo ás vezes de seis semanas a dois mezes.

Levanta-se ás seis horas da manhã, abre as janellas, enche os pulmões do ar vivificante que lhe vem dos bosques e campos dos arredores; como bom conhecedor lança "do seu quarto quente e alegre um olhar de admiração sobre a bella paysagem que descortina".

O golpe de vista é completamente pittoresco e selvagem".

Essa primeira satisfação concedida a sua "sensibilidade" Diderot toma rapidamente

(*Term. no fim do num.*)

A megalomania de Jacques Clare

(FIM)

midavel revolta contra as injustiças do destino, que a uns da opulencia e a outros a mais negra miseria. E, tonto pelo cheiro dos guisados, allucinado pela fome, tomou das tintas e do pincel e se poz a pintar, desvairadamente, numa enorme tela, a figura risonha da creada, conduzindo para a sala uma bandeja em que repousava um bellissimo perú recheiado.

Jacques Clarel de Courteville, naquelle estado de completa exaltação mental, parecendo ter esquecido momentaneamente a sua fome de tres dias, distribuiu as tintas na tela com pinceladas vigorosas e seguras, numa perfeita combinação de tons, e imprimiu á figura sorridente da creada e á attitude imponente do perú recheiado os mais impeccaveis contornos e o mais expressivo colorido.

Não parou um instante emquanto não terminou o quadro. Bastou, porém, que o concluisse, para que lhe viesse uma prostração, um desfallecimento, que lhe deu, entretanto, a compensação de um longo somno restaurador.

Despertando, no dia seguinte, Jacques Clarel de Courteville mirou sua obra, e, talvez porque a fome lhe houvesse diminuido o senso artistico ou obliterado sua visão, achou-a simplesmente detestavel. Mesmo assim, era o unico trabalho com que contava para sahir-se da difficil situação em que se encontrava e, nessa contingencia, concebeu a atrevida idéa de pôr no quadro a assignatura de Velasquez, o famoso pintor ibero, afim de vendel-o, como uma preciosidade, a um comprador de raridades artisticas menos arguto.

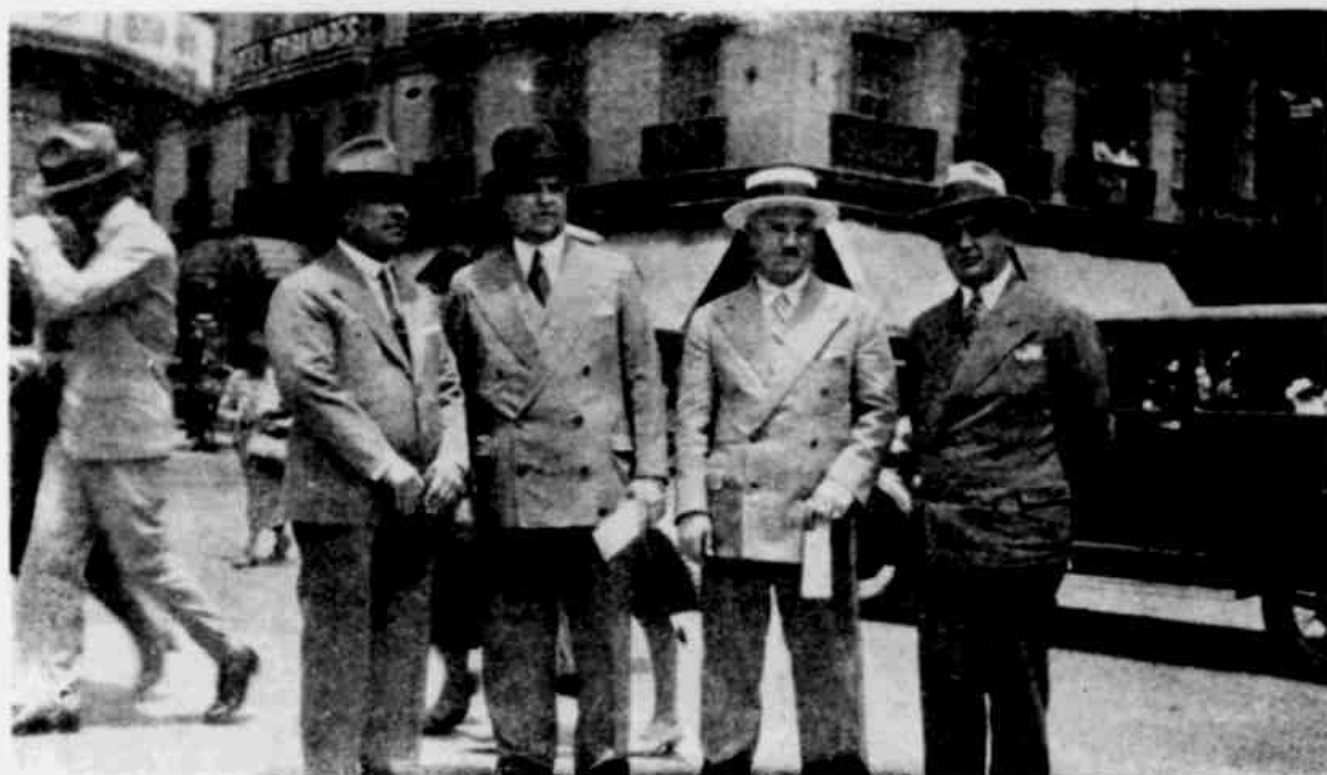
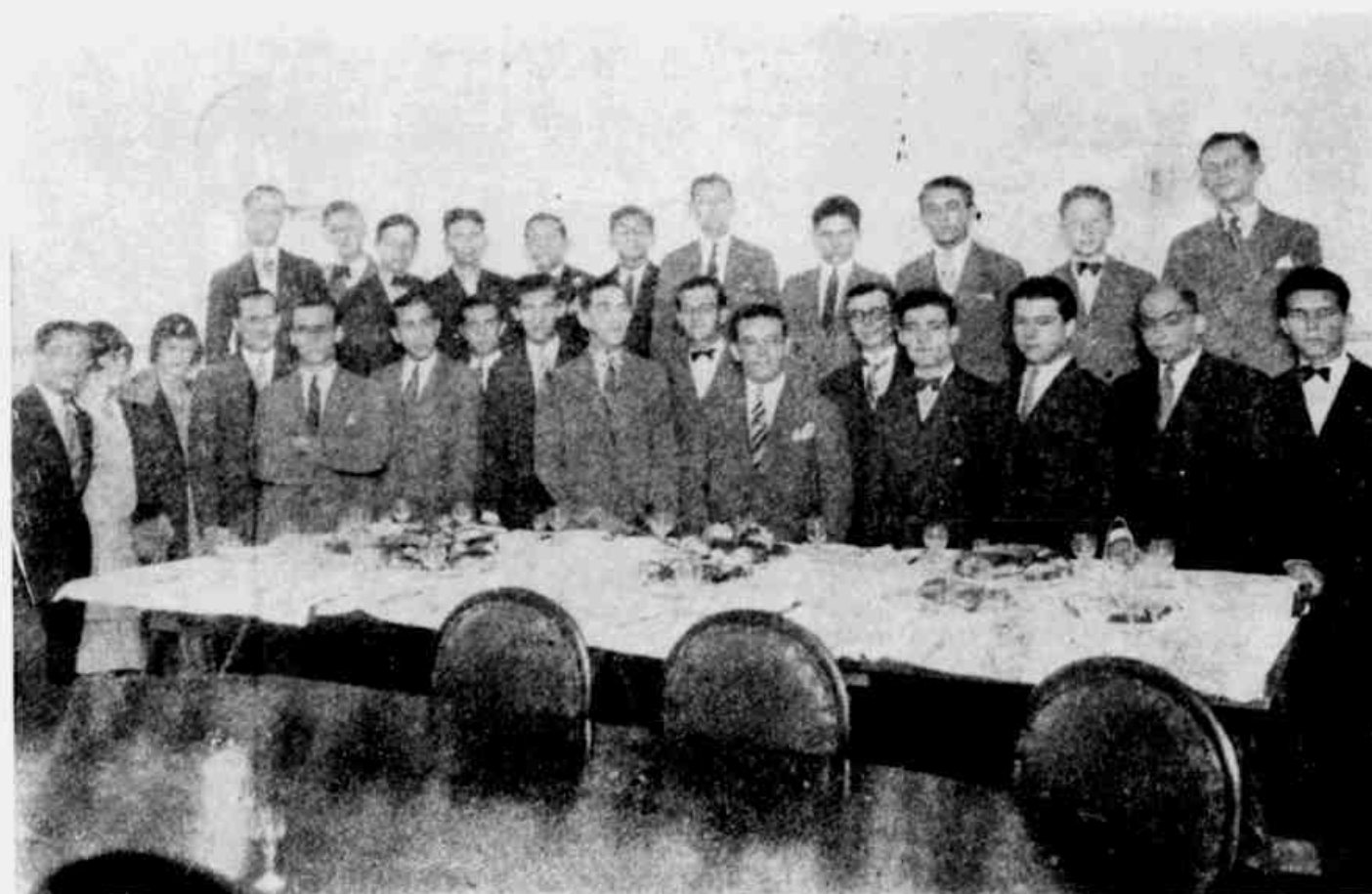
A assignatura de Velasquez, como a de muitos outros pintores celebres, sabia imitar com incrivel mestria. Graphou-a cuidadosamente a um canto da tela. E, depois, atirou sobre o quadro um pouco de pó e pedaços de teias de aranha, para dar-lhe um ar de ancianidade.

No "Boulevard des Italiens" havia uma casa, — a do senhor Michaud, — que se dedicava ao commercio de raridades artisticas. Lá foi ter Jacques Clarel de Courteville, com a tela embrulhada no supplemento dominical de "L'humanité", um jornal reaccionario, propagandista das idéas de Lenine, que o desventurado pintor lia fervorosamente nos momentos em que se achava completamente sem dinheiro, situação em que todos os individuos se identicam perfeitamente com as theorias bolshevistas.

O pintor apresentou o quadro ao senhor Michaud com um ar de desentendido em cousas de arte:

— Um amigo de Hespanha mandou-me "isto" para que eu vendesse, cá em Paris. Disse-me que é de um tal Velasquez, muito famoso, e foi encontrado no velho sotão de uma casa de campo de Aragão... Acaso lhe interessa ?

O senhor Michaud, antes de responder, mirou e remirou o quadro, atravez da sua lente de grande entendedor, de perito em taes assumptos. Nos seus olhos havia o brilho de uma expressão admirativa, de um gigantesco enthusiasmo. Mas recalcando sua emoção, o senhor Michaud falou com a frieza de um bom homem de negocios:

"PARA TODOS..." NA BAHIA — A "Festa das Creanças", realizada a 6 de Janeiro no "Circolo Italiano", com farta distribuição de brinquedos.

Na Praça da Matriz, em Montevidéo, num passeio amistoso de Anno Bom, os Srs. Consul Mario Azevedo, major Pantaleão Telles, addido militar do Brasil no Uruguay, Dr. Homero Lobato e o nosso companheiro Oswaldo Souza e Silva.

Grupo tirado na inauguração da séde do Club Atwater Kent em 1º de Janeiro de 1930, fundado pelos auxiliares de Amaral Cesar & Cia. Ltda., em São Paulo, á Avenida São João, 85-A.

— Não é grande cousa... Mas vá lá, vá lá... Dar-lhe-ei dois mil francos pela tela...

Dois mil francos pela sua tela! Parecia-lhe um sonho, um conto de fadas. E Jacques Clarel de Courteville teve vontade de atirar-se ao senhor Michaud, de abraçal-o, de beijar-lhe as mãos, em signal de reconhecimento. Lembrou-se, porém, de que esse gesto poderia dar ensejo a suspeitas e conteve-se.

Embolsado os dois mil francos, o pintor sahiu, no mais extraordinario contentamento, a cantar e a dansar pelas ruas, dando "hurrahs"! a Velasquez, até encontrar o primeiro "restaurant", onde entrou para attender ás imperiosas necessidades de seu estomago terrivelmente vasio. Ria de tudo, expandindo sua alegria com espectaculosidade. Quando o "garçon" veiu, Courteville deu-lhe uma amistosa palmada no abdomen e pediu que lhe trouxesse um perú, exactamente como aquelle que figurava na tela providencial.

—

No dia seguinte, surgiu em Paris uma novidade sensacional, vehiculada pelos grandes diarios. E essa noticia estava redigida, mais ou menos, nos seguintes termos:

"Uma maravilha de arte produzida pelo genio de Velasquez.

Foi recentemente encontrada no sotão de uma velha casa de campo de Aragão, mais uma grandiosa obra prima do immortal Velasquez.

"A estalajadeira" é o titulo desse soberbo quadro, que supera em muito as demais obras do grande pintor hespanhol.

Graças aos esforços do senhor Michaud, um deligente pesquizador de raridades artisticas, teremos o ensejo de apreciar, no Museu do Louvre, a maravilhosa creação de Velasquez".

"A estalajadeira" — assim fôra chrismado o quadro — effectivamente foi exposta no Museu do Louvre, numa linda vitrine, adornada com a bandeira da Hespanha. Os criticos foram vel-a e, depois, disseram que ninguem podia duvidar da authenticidade daquella obra, pois a completa semelhança do traço e do colorido de "A estalajadeira" com os demais quadros de Velasquez constituia uma prova irrecusavel de que a tela fôra, de facto, trabalhada pelo grande artista hespanhol. A assignatura, além disso, era de uma verosimilhança que não deixava margem para duvidas.

Um diluvio de elogios consagrou "A estalajadeira" como uma das obras mais notaveis da arte pictorica. O já famoso quadro foi, durante varios dias, a maior sensação de Paris e ao Museu do Louvre corriam a admiral-o, diariamente, milhares e milhares de pessoas.

Jacques Clarel de Courteville estava deslumbrado, maravilhado pelo estrepitoso successo causado pela sua obra. E, ao mesmo tempo, indignado comsigo mesmo. Aquelle quadro, a que não dera a minima importancia, era, com effeito, uma obra prima e elle, o louco, fôra vendel-o por uma quantia miseravel, com o nome de outro!

Jacques Clarel de Courteville, bem alimentado, pensou em desfazer o embuste. Comprehendera que havia, emfim, alcançado sua gloria de artista e que a desprezara, trahido pelos caprichos terriveis do seu estomago vasio...

Mas ainda era tempo, pensou o pintor. Ninguem lhe arrancaria sua gloria, ninguem usurparia seus louros. Declamaria a verdade, Paris inteira se curvaria a seus pés e seu nome começaria, desde então, a figurar nos mais famosos museus de arte. Seria a sua consagração, a apotheose que elevaria seu nome á altura dos nomes de mestres da enfibratura do pintor da "Gioconda". Jacques Clarel de Courteville, dominado por essas idéas, dirigiu-se á casa do senhor Michaud, no "Boulevard des Italiens". O commerciante recebeu-o amavelmente, com um largo sorriso e, antes que o pintor falasse, declarou:

— Já sei que vem falar-me de "A estalajadeira"... Vendi-a por um milhão de francos ao millionario Arnold Gray, um desses americanos excentricos que compram todas as cousas caras que encontram no estrangeiro. Fiz um excellente negocio e vou dar-lhe mais dois mil francos, meu caro amigo...

— Então, o senhor vendeu "A estalajadeira" por um milhão? — inquiriu, assombrado, o pintor, como se não tivesse ouvido bem!

— Sim, — repetiu o senhor Michaud. — Fiz um excellente negocio e vou dar-lhe mais dois mil francos...

— Não quero seu dinheiro, — objectou Courteville. — O que quero é minha gloria de artista. O senhor foi victima de um embuste. Aquelle quadro não é de Velasquez. Quem o pintou fui eu, Jacques Clarel de Courteville...

O rosto afogueado do senhor Michaud contrahiu-se numa vastissima gargalhada. Ouvindo-lhe o nome, lembrara-se do pintor. Lera, num dos jornaes mais irreverentes de Paris, um artigo furibundo, censurando o jury do "Salão" por haver premiado os dois quadros de Jacques Clarel de Courteville, a quem chamava de "insensato borrabotas".

E o senhor Michaud retrucou:

— Divertido, meu caro, extraordinariamente divertido!... Então, o senhor, que fez na Academia de Bellas Artes a mais ridicula figura, quer se fazer passar por um emulo de Velasquez? Ora, deixe-me rir... Deixe-me rir...

Jacques Clarel de Courteville, indignado com o "insolente burguez", correu ás redacções dos jornaes, fazendo a sensacional revelação. Mas, no dia seguinte, com grande espanto, leu nos diarios noticias jocosas a seu respeito, "um máo pintor, immensamente pandego, que se dizia autor de "A estalajadeira", a obra prima do genio de Velasquez". Outros taxaram-n'o de deslavado cabotino, procurando escandalosamente popularisar seu obscuro nome.

Courteville andava com o cerebro a arder. Passára tanta miseria, soffrera tanto tempo as horriveis torturas da fome, para produzir sua obra prima e, agora, negavam sua arte, espesinhavam seu talento subitamente revelado, arrancavam-lhe sua gloria!

Um impeto de raiva o conduziu ao Museu do Louvre, onde "A estalajadeira" ainda permanecia em exhibição e, diante dos curiosos que admiravam

sua obra de arte, subiu a uma cadeira e fez um discurso violento, com imprecações contra a critica, contando detalhadamente o embuste que armára ao senhor Michaud. Os espectadores dessa scena riam como se estivessem na presença de um grande comico. E um grave professor da Universidade sentenciou, gravemente:

— E' uma fórma curiosa de loucura... Ha individuos que se julgam autores de obras celebres... Este pintou "A estalajadeira"... Outros construiram as pyramides...

Parou, nesse momento, á porta do Louvre, o carro forte do manicomio. Dois enfermeiros, agigantados e musculosos, atiraram-se a Jacques Clarel de Courteville, subjugaram-n'o e conduziram-n'o ao hospital de loucos. O golpe fôra demasiado rude e o pintor, que entrara no carro ainda no uso da razão, ao ser internado perdera inteiramente o juizo.

Ainda vive Jacques Clarel de Courteville. E' um louco pacifico e chamam-lhe o "Velasquez". Anda sempre a pintar, nos muros do manicomio, copias abominaveis, verdadeiramente caricaturas, do quadro que tanta desgraça lhe trouxe.

Quando, certa vez, fiz ao manicomio uma visita, um enfermeiro, apontando-o, disse com piedade:

— Pobre homem. Ha de morrer com essa mania... Não ha quem lhe arranque da cabeça a idéa de que é o autor de "A estalajadeira"...

R. MAGALHÃES JUNIOR.

Novembro — 192?.

■

O Salão d'Holbach

(FIM)

duas taças de chá, e começa a trabalhar. A' sua direita está o retrato de Homero, e á sua esquerda o de Horacio.

Em face do horizonte magnifico, suas idéas jorram em turbilhões sob a penna, com impetos de sympathia pelo mundo inteiro.

As duas horas "janta-se bem e longamente, a mesa no castello é servida com mais sumptuosidade do que na cidade".

E riam-se mais ainda.

Algumas vezes diz M. Ducros, o barão, que tem a palestra indecorosa, e que na sua qualidade de incredulo fanatico, crê em tudo que lê, conta certa anecdota extraordinaria, e extraordinariamente torpe, sobre o Grande Lamas, e Mme. d'Aine, sua sogra. O narrador grita e pragueja em termos cem vezes mais galhofeiros que o conto. Outras vezes o pequeno d'Holbach, digno filho do barão, põe-se a "depennar o braço" de sua vizinha de mesa "todo o mundo estoura de rir, diz Diderot, quanto a mim as lagrimas me caem dos olhos e parece que vou morrer".

Terminado o jantar, para facilitar uma digestão laboriosa, afastam-se para o campo, ao longo do Marne; "triste e tortuoso compatriota", que se segue a pé até Champigny, ou então se o tempo está incerto ficam no jardim.

Diderot pára e olha os jardineiros traçar os canteiros, e plantar os buxos.

Vendo-os fazer o serviço muitas vezes conversava com elles; "gosto de falar aos aldeões, dizia, aprendo sempre alguma cousa".

De facto, elles lhe ensinaram "expressões rusticas", e eis ahi novas palavras para a Encyclopedia.

Indaga sobre a vida das plantas, os costumes dos animaes, observa umas tantas particularidades até então ignoradas por todos.

Assim é que Saint Lambert, conheceu muito bem a chuva de Maio, mas quantos effeitos interessantes ignorou ou omittiu por causa dessa falha de instrucção de que tanto se resentem os seus poemas. — "agora que a femea dos passaros se apressa em estender suas azas sobre os ovos, agora que o macho vae agarrar o insecto refugiado sob as azas dos arbustos..."

Diderot compara, perscruta e regista todas essas observações, que são outros tantos argumentos para suas discussões futuras, outras tantas bases para suas theorias de amanhã.

"Ao pôr do sol, a frescura da tarde nos approxima do castello, onde chegamos antes das sete. As senhoras mudam de roupa. Ha luz e cartas sobre a mesa". Começa o jantar.

A conversação continúa em uma partida de jogo do cent. As onze horas todos dormem.

Quando se está no castello em pequena sociedade, Mme. d'Holbach gasta os olhos bordando, Mme. d'Aine faz a digestão accommodada entre duas almofadas, o pae Hoop, com os olhos semi-fechados, a cabeça cahida entre as espaduas, as mãos collocadas sobre os joelhos, sonha com o fim do mundo, o barão d'Holbach, lê envolto em um robe de chambre, eu passeio a passos largos, machinalmente. Vou á janella ver o tempo que faz, parece que o céo se desfaz em agua e me desespero".

No mez de Outubro "um murmurio surdo resôa pelos corredores do castello, é o vento. Diderot escuta-o gritar muito a vontade, dentro do seu quarto bem aquecido: — "Gosto desses ventos violentos, dessa chuva que bate nas gotteiras durante a noite, dessa tempestade que agita com fragor as arvores que nos rodeiam desse baixo continuo que brame e ronca ao redor de mim, durmo mais profundamente, acho os meus travesseiros mais fôfos, afunda-me mais no leito e enrolo-me como um "peloton", e comparo intimamente a minha felicidade com a triste situação daquelles a quem falta a morada, o tecto, e todo asylo, que vague'am pela noite, expostos a todas as inclemencias do céo, e que talvez valham mais do que eu, a quem a sorte tanto distinguiu, e gozo com essa preferencia.

Volupia de ser feliz, e de ter a consciencia de sua felicidade.

Quem a sente mais do que Diderot, nesse momento de sua vida, nesse magnifico castello, em companhia dos hospedes mais amaveis, entre as suas occupações mais caras, cheio de trabalho, de felicidade, e de sonhos!...

Delicioso em Paris, o salão d'Holbach não era menos no campo, e o autor de Jacques, o Fatalista, viu ali passar ás horas mais felizes de sua vida.

De facto nada mais se fazia no salão d'Holbach que discutir philosophia.

Pessoa alguma na sociedade do barão, era inimiga do gracejo, Diderot, o primeiro, adorava o espirito, e tinha até alguma tendencia para a mystificação, e de boa vontade sempre que se apresentava occasião zombava dos imbecis e importunos.

■

Frivolo amor

(FIM)

o amor terminára, era justo romperem, não tendo assim os maldizentes ensejo de se regozijarem com o proseguimento da comedia.

A's apalpadelas — que já era crepusculo — approximou-se do "abat-jour" e deu luz á lampada. A sala illuminou-se toda duma claridade suave, nuanceada de lilaz, e o silen-

cio, nessa meia-luz quebrada, no aposento solitario, fez-se mais impressionante.

No intimo de Bettina, emquanto a sua mão escrevia as palavras que deviam decid'r-lhe da vida, duas vezes se erguiam, confundindo-se e aconselhando-a diversamente.

A do sentimento já começava a insinuar que ella talvez se precitasse em romper assim, sem esperar uma explicação, uma mudança de attitude siquer, da parte delle...

Porém, vibraram, mais fortes, os impulsos do orgulho, e a carta continuou.

As phrases ironicas, que fingiam serenidade e occultavam a dôr de um sentimento ferido, foram-se alinhando sobre o papel roxo, e a letra esforçava-se em vão por não parecer tremula.

Terminava. Um instante apenas, para collocar a missiva no enveloppe aristocratico, e para chamar a creada, afim de a levar ao seu destino.

Depois... a pobre creança, estremecida de tristeza, acercou-se a uma janella e ficou a olhar, como sem comprehender, a rua borborinhante, nesse fim de dia.

Por que essa agitação... em busca de que? Luta pela vida, sómente? Que procuraria a humanidade em tal continuo afan de inquietudes e esforços? Dinheiro? Gloria? Amor? Ventura?

Si tudo decepciona!

Ella, por exemplo, não podia ser comprehendida.

Era uma sentimental; os homens não gostam disso...

E, aprofundando-se cada vez mais no pensamento que a torturava, foram-se-lhe formando as primeiras lagrimas ao canto dos olhos, para depois sulcarem-lhe as faces de jambo côr-de rosa...

Lá fóra, era a musica desharmoniosa das grandes cidades.

O apogeu do barulho. Uma victrola roufenha poz-se a massacrar pela centesima vez um endemoniado "charleston". O symbolo da época... Vasia, frivola, ôca, sem valor.

O amor, frivolo tambem, sem paixão, sem intensidade...

Emquanto estridulavam as buzinas sem cessar, e as descargas dos autos atroavam, ensurdecedoras, o ar saturado de calor e ruido, ella seguia chorando, não por elle, mas pela sua illusão desmoronada, no entardecer bulhento de cidade.

Quizera ter o luxo de possuir sonhos e sentimentalismos, em semelhante vida, miseravelmente real e sem ideaes, tão differente da que entrevira, atravez dos seus livros, queridos, mas enganadores.

E os soluços do desespero suffocavam-na, emquanto murmurava, baixinho com desencanto e saudade:

— Ah, vida! Tudo o que esperei de bom e bello e que não me veiu!

— Felicidade, felicidade, o teu sorriso ardente que me doirava os dias, felicidade, oh, o teu sorriso quente, o teu sorriso lindo!

As ultimas rosas murchavam nas jarras, e, quando adormeceu, fatigada de chorar, a noite já envolvera no seu negro sendal, estrellado e luminoso, a cidade toda, a grande cidade-inferno que embalava sua pena com a musica dissonante dos seus mil e um rumores, das suas innumeraveis e incontaveis falsidades.

HELENA DE IRAJA'

A tia Francisca

(FIM)

desgostos e atropelos. Nessa propria carta enviava um cheque que ella deveria receber e guardar... guardar, como elle determinára, — "no cofre que fôra a sua arma de vingança"!

Ramiro terminava a leitura estupefacto, e bramia amarrotando as folhas de papel:

— Ladra! Ladra! Tu me pagarás!

Ricardo ficara pensativo, impressionado, como se o atordoasse terrivel problema. Depois chamou o irmão, penetrou no quarto da tia, retirou do guarda-roupa uma grossa bengala de ferro. Mirou-a, apalpou-a, ansiado. Afinal segurou-a, torceu-a com força. A bengala cedia, desparafusava-se. Elle explicava, triumphante:

— Esta foi a arma com que papae matou o homem que o deshonrou. A arma da vingança — o cofre!

E realmente, de dentro da bengala ôca sahiam rôlos de notas, grandes notas que se espalhavam no soalho do aposento! Ricardo enrolou de novo o dinheiro, metteu-o no cano de ferro. Depois, — ambos preparados para a fuga, — deixou um simples bilhete na mesa do jantar, communicando á tia Francisca que seguiriam nessa mesma noite para São Paulo; e levavam apenas, como lembrança do pae desterrado — a bengala de ferro!

AURELIO PINHEIRO

O SEGREDO DE UMA CUTIS PERFEITA

As "estrellas" de cinema não obstruem os póros de sua pelle com crêmes para o rosto e outros pretendidos "alimentos" para a cutis. Ellas sabem muito bem que não ha substancia alguma que tenha o poder de vivificar uma pelle morta. O que ellas fazem é desquitar-se da pelle velha. Para obtel-o basta applicar-se ao rosto Cera Mercolized, fazendo isto á noite, antes de deitar-e, e retirando a cera pela manhã. Desta forma, a tez gasta se elimina gradualmente, dando logar á apparição da nova cutis que toda mulher possue debaixo da cuticula exterior. Procure hoje mesmo Cera Mercolized na pharmacia e comece a recurar a sua formosa cutis juvenil e louçã.

OS CRAVOS DEIXAM O CAMPO

Um remedio de effeitos francamente instantaneos contra os horriveis pontos negros, a graxa e os amplos póros gordurosos do rosto, foi descoberto recentemente, e na actualidade, é empregado no "boudoir" de toda dama intelligente. E' um remedio muito simples e tão agradavel como inoffensivo. Ponha-se em um vaso de agua quente uma tablete de stymol, substancia que é facil adquirir em todas as pharmacias. Assim que tenha desapparecido a effervescencia produzida pela dissolução do stymol, lave-se o rosto com o liquido obtido, empregando uma esponja ou um panno macio. Enxugue-se o rosto e ver-se-á que os pontos do pygmento negro abandonaram seu ninho para morrer na toalha e que os largos póros gordurosos desappareceram, borrando se como por encanto, deixando o rosto com uma cutis lisa e suave e de uma admiravel frescura. Este tratamento tão simples deve ser repetido umas quantas vezes, com intervallos de quatro a cinco dias, com o fim de lograr resultados de caracter definitivo.

I D Y L I O

Linda flôr, debruçada no regato
toma banho, esbarrando na agua inquieta.
Um passarinho, ao lado, canta; e o matto
applaude-o ramalhando. Ouso suppôr
que o leviano passarinho é poeta,
e está dizendo um madrigal á flôr.

Thophilo Barbosa

Graphologia

AVISO

Temos inutilizado innumeras cartas, umas escriptas em papel pautado, outras não assignadas com o nome legal, e outras finalmente a lapis.

Fazemos este aviso para que os consulentes não percam mais tempo esperando respostas, e tratem de enviar outros pedidos regularmente, assignados em papel liso. O pseudonymo só é permittido para resposta.

■

MORENINHA CARIOCA (Rio) — Como vê, é logo a primeira a quem attendo, embora me recorde de já lhe haver escripto qualquer cousa. Sua letra não mudou; continúa o mesmo espirito activo, irrequieto, fantasista, movimentado, embora bondoso, indulgente, cheio de doçura e affectivo. Sua fantasia a faz exaggerar um pouco a verdade, "accrescentando dois e mais pontos de um simples conto" e fazendo, ás vezes, "de um argueiro um cavalleiro"...

O traço com que firma sua assignatura é bem marcante da sua personalidade distincta, inconfundivel.

E' reservada e fria, ás vezes, egoista; com certeza é ciumenta...

Está satisfeita agora? Escreva.

PAULITTA (São Paulo) — Os estudos graphologicos não podem ser publicados na semana seguinte áquella em que são recebidas as consultas porque o "Para todos..." é feito com muita antecedencia e ha muitos consulentes a attender, não havendo espaço para estender a secção por paginas e paginas. Sua letra denota imaginação viva, generosidade, orgulho, uma certa aggressividade, mesmo. Entretanto, não é má. Tem espirito critico e bom coração. E' energica, cheia de força de vontade e... impaciencia. Quanto ao horoscopo dos nascdois a 22 de Julho dizem os livros que é este: "Gostam de criticar os outros e se zangam quando alguem lhes aponta suas faltas. São muito intelligentes e de coração magnanimo, além de habilidosos. Apreciam os elogios, as lisonjas, assim como serem notados. Amigos do luxo e do bem estar. São optimos chefes de familia". Os que nascem a 19 de Setembro "são reservados, não gostando de exteriosisar suas idéas e guardando bem seus segredos e os dos outros. Amaveis, delicados, affectivos, têm especial vocação para a musica e são felizes nas empresas em que se mettem. Descobriram o "elixir da eterna juventude", parecendo sempre muito mais moços do que são e morrendo velhos. Muito felizes no matrimonio devem casar com pessoas de temperamento alegre. Seu defeito principal é a tendencia que têm para o jogo de cartas". Então, senhora dona Paulitta, que eu vejo pequenina, morena e gorducha, — ainda sou mansinho? Responda.

ZUZU' (Bebedouro) — Escripta movimentada, rapida de joven activa, enthusiasta, um tanto precipitada, intelligente e culta. Ha tambem emotividade, agitação, mobilidade constante. E' tambem teimosa e o modo de fazer o til indica que pouca importancia liga ao juizo que façam de si, desde que esteja bem com a sua consciencia.

ANCIOSA (Bebedouro) — Pela sua letra está se vendo que é impaciente, nervosa, cheia de emotividade e agitação. Ha tambem actividade psychica, poder de logica e facilidade de assimilação. Um tanto reservada, ninguem lhe arranca uma palavra quando "resolve não falar". Grato lhe fico pelos votos de felicidade que retribuo de coração.

MÉLISSINDE (Rio) — Ficou contente com a resposta que lhe dei? Ainda bem. Ser reservada é do seu intimo, não impedindo que seja "enfeitiçavel". Faz muito bem em ter "immensa fé no futuro" e procurar construir sua propria felicidade. Grato pelos votos de ventura que retribuo cordialmente. Escreva.

DULCE DE OLIVEIRA (?) — Bem se vê que é de Franca pela franqueza das suas attitudes. No momento de escrever estava preoccupada com qualquer assumpto grave ou interessante, ha um pouco de tristeza, de melancolia. Sabe guardar segredos seus e os que lhe confiam. E' amavel, intelligente, graciosa e com um pouquinho de espirito de vingança, difficilmente esquecendo offensas, mesmo quando as perdôa... Desta vez não "foi por agua abaixo" seu estudo graphologico, não é assim?

ARNOLDA (Rio) — Grato pela gentileza dos votos que faz pela minha felicidade no anno corrente. O mesmo lhe desejo: seja muito venturosa. Vê-se, na sua letra de grandes caracteres, imaginação ardente, viva, creadora, fantasia, generosidade, quasi prodigalidade, orgulho. E' caprichosa e vaidosa, como em geral as lindas filhas de Eva. Nas discussões gosta de ficar com a ultima palavra, mesmo depois de convencida de que não tem razão.

O horoscopo das pessoas nascidas a 26 de Outubro é este: "São cheias de enthusiasmo, actiivas, emprehendedoras, nada as fazendo desanimar. Muito voluveis, não têm duração suas amizades, por mais verdadeiras que pareçam. Por serem assim inconstantes provocam ciumes e fazem soffrer aquelles que os estimam".

GRAPHOLOGO.

O Mais Bello Livro das Creanças

O LIVRO DE CONTOS DOS RICOS; O LIVRO DE CONTOS DOS POBRES

ALMANACH DO "O TICO TICO"

PARA 1930

Contos, novellas, historias illustradas, sciencia elementar, historia e brinquedos de armar, e Chiquinho, Carrapicho, Jagunço, Benjamim, Jujuba, Goiabada, Lamparina, Pipoca, Kaximbown, Zé Macaco e Faustina, tornam essa publicação o maior e mais encantador livro infantil.

Se não existe jornaleiro em sua terra, envie 5$500 em carta registrada, cheque, vale postal, ou em sellos do correio á Soc. An. O MALHO — Travessa do Ouvidor, 21, Rio, que será remettido ao seu filhinho um exemplar desta primorosa publicação infantil.

A' venda em todos os jornaleiros do Brasil

Officinas Graphicas d'O MALHO